

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RAYSSA LORRANA SILVA LEMOS

MULHERES NEGRAS NA CAPOEIRA:
RESISTÊNCIA E AFROFEMINISMO

CHAPECÓ/SC

2024

RAYSSA LORRANA SILVA LEMOS

**MULHERES NEGRAS NA CAPOEIRA:
AFROFEMINISMO E RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em História.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi

CHAPECÓ/SC

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

, Rayssa Lorrana Silva Lemos
Mulheres negras na capoeira:: afrofeminismo e
resistência / Rayssa Lorrana Silva Lemos . -- 2025.
67 f.

Orientadora: Professora e Doutora Renilda Vicenzi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2025.

1. Capoeira; afrofeminismo; interseccionalidade,
mulheres negras, Mestra Baixinha, Monitora Delicada.. I.
, Renilda Vicenzi, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela
UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RAYSSA LORRANA SILVA LEMOS

**MULHERES NEGRAS NA CAPOEIRA:
AFROFEMINISMO E RESISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 08/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



RENILDA VICENZI

Data: 11/07/2025 11:34:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi - UFFS

Orientadora

Documento assinado digitalmente



ELIANE TAFFAREL

Data: 11/07/2025 15:13:12-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Me. Eliane Taffarel - UFFS

Avaliador

Documento assinado digitalmente



MATHEUS EDUARDO BORSA

Data: 11/07/2025 16:27:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Matheus Eduardo Borsa – SED/SC; UFRGS

Avaliador

RESUMO

A capoeira, multifacetada manifestação cultural afro-brasileira, é analisada neste trabalho como um espaço de resistência e empoderamento para mulheres negras. Historicamente enraizada na luta e expressão de populações negras, a capoeira, apesar de sua pluralidade, tem sido predominantemente masculinizada, invisibilizando a participação feminina. Este estudo investiga como ela se torna um instrumento de contestação e afirmação para mulheres negras, desafiando estruturas patriarcais e racistas. Utilizando a perspectiva interseccional de Patricia Hill Collins (2021) e o afrofeminismo, a pesquisa qualitativa e bibliográfica foca nas trajetórias de Maria Alessandra dos Santos (Mestra Baixinha) e Mariane Oliveira Nunes (Monitora Delicada). Ambas são capoeiristas e educadoras que ressignificam a prática, promovendo a equidade racial e de gênero e o protagonismo feminino negro. Os resultados da pesquisa demonstram que Mestra Baixinha e Monitora Delicada personificam o afrofeminismo, utilizando a capoeira como ferramenta transformadora para a comunidade, ensino e luta contra opressões, inspirando e fortalecendo o empoderamento feminino negro.

Palavras-chave: capoeira, afrofeminismo, interseccionalidade, mulheres negras, Mestra Baixinha, Monitora Delicada.

ABSTRACT

Capoeira, a multifaceted Afro-Brazilian cultural manifestation, is analyzed in this work as a space of resistance and empowerment for Black women. Historically rooted in the struggle and expression of Black populations, capoeira, despite its plurality, has been predominantly masculinized, rendering female participation invisible. This study investigates how it becomes an instrument of contestation and affirmation for Black women, challenging patriarchal and racist structures. Utilizing Patricia Hill Collins' (2021) intersectional perspective and Afro-feminism, this qualitative and bibliographic research focuses on the trajectories of Maria Alessandra dos Santos (Mestra Baixinha) and Mariane Oliveira Nunes (Monitora Delicada). Both are capoeira practitioners and educators who re-signify the practice, promoting racial and gender equity and Black female leadership. The research results demonstrate that Mestra Baixinha and Monitora Delicada embody Afro-feminism, using capoeira as a transformative tool for the

community, teaching, and fighting against oppression, inspiring and strengthening Black female empowerment.

Keywords: capoeira, afrofeminism, intersectionality, Black women, Mestra Baixinha, Monitora Delicada.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. O Histórico da capoeira e seus desdobramentos no cenário brasileiro.....	14
2.2. As mulheres na capoeira.....	20
3. Concepção Afrofeminista: trajetórias de Mestre Baixinha e Monitora Delicada.....	24
3.1 Mestre Baixinha e Monitora Delicada: ser mulher negra e capoeirista.....	28
3.2 Ser educadora: ensinar é aprender duas vezes.....	43
3.3 A capoeira faz com que a mulher aprenda a conquistar seu espaço: Seja na vida, seja na roda	51
4. Considerações Finais.....	60

1. INTRODUÇÃO

A capoeira, é uma manifestação cultural afro-brasileira, e é representada por uma prática multifacetada que entrelaça luta, dança, esporte e música. Originou-se como forma de resistência e expressão cultural das populações negras durante o período escravista e no pós-abolição, com maior frequência em espaços urbanos, como por exemplo no Rio de Janeiro. Trata-se, notoriamente, de uma prática que floresceu sob o peso de um regime escravocrata opressor, mas que se molda a partir de raízes mais profundas em outras tradições, como afirma Soares (2008), que mapeia a história da capoeira no Brasil, analisando-a como um processo cultural direto da diáspora africana, não sendo isolada desse período, mas um produto a partir dele.

Sendo a capoeira um produto de um processo complexo, a passagem do tempo lhe atribuiu mudanças e suas dinâmicas sofreram transformações. Conforme discute Queiroz (2023), embora a capoeira fosse, e, ainda seja influenciada por elementos e atravessamentos ocidentais, ela continua preservando seu caráter de espaço contestado e resistente. Nesse cenário, a capoeira transcende uma definição simplista, e é nessa concepção de capoeira como prática complexa e abrangente que se agarram historicamente à pesquisa. Observando sua pluralidade e resistência, a capoeira tornou-se esse espaço importante para debates de gênero e raça, principalmente sobre a participação das mulheres, que frequentemente são apagadas dessa história.

Desse modo, o universo multifacetado da capoeira é constantemente associado a representações masculinas, relegando e limitando a presença feminina, atrelando-a a estigmas e confinando-a aos papéis domésticos tradicionais. Em nossa sociedade, o feminino é enclausurado na concepção da mulher submissa e no padrão de feminilidade imposto a elas. A participação das mulheres na capoeira, especialmente as mulheres negras, que foram altamente marginalizadas, reflete uma concepção social de feminilidade que as restringia.

Assim, o tema desta pesquisa é o afrofeminismo: as mulheres negras na capoeira como forma de resistência. Analisar a capoeira como uma prática cultural afro-brasileira e seu papel como ferramenta de resistência, especialmente no que tange às mulheres negras dentro desta prática multifacetada é o enfoque da pesquisa.

O **objetivo geral** desta pesquisa é analisar o papel das mulheres negras na capoeira, através das trajetórias de Maria Alessandra dos Santos (Mestra Baixinha) e Mariane Oliveira Nunes (Monitora Delicada), com enfoque na resistência e no empoderamento

sob a perspectiva interseccional e afrofeminista. Para tal, os **objetivos específicos** são: 1) Contextualizar o panorama histórico da constituição da capoeira; 2) Descrever a concepção afrofeminista relacionando as trajetórias da Mestra Baixinha e da Monitora Delicada; e 3) Analisar os impactos socioculturais e de resistência no empoderamento de mulheres negras praticantes de capoeira. Assim, a **pergunta de pesquisa** que norteia este estudo é: Quais as representações de mulheres negras na capoeira, enquanto lugar de resistência e empoderamento, a partir das trajetórias da Mestra Baixinha e de Monitora Delicada?

Os temas referentes ao primeiro objetivo específico são abordados por meio de uma revisão bibliográfica, revisados em livros, como o livro do historiador Carlos Eugênio Líbano Soares sobre a “A Capoeira Escrava e outras tradições Rebeldes no Rio de Janeiro - (1808-1850)”; de Frederico José de Abreu sobre “Capoeiras: Bahia, Século XIX”; “Capoeira, Identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil” obra de Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal; “Por um feminismo Latino- Americano” de Lélia Gonzalez, e em dissertações, artigos, como “A Mulher na Capoeira” de Maria José Somerlate Barbosa, entre outros escritos de autores, que versem sobre a temática em questão.

Acerca das capoeiristas acessamos os materiais coletados nas redes sociais, em trabalhos acadêmicos já realizados (artigos, textos), e entrevistas publicadas em jornais impressos, como o jornal *A Gazeta*, publicados no dossiê do mapa cultural do Espírito Santo, assim como um jornal online, chamado Merkato. Materiais coletados em reportagem televisionada publicados na plataforma de vídeos do youtube, reportagem publicada no canal da *TV Espírito Santo* que entrevista a Mestra Baixinha, e no próprio canal de Mestra Baixinha que ganha seu nome. Texto de Monitora Delicada será utilizado, assim como uma roda de conversa disponível online na rede social do coletivo feminino Mulheres de Bamba.

O artigo de Mariane Oliveira Nunes (Monitora Delicada) é: “A importância das mulheres na construção da capoeira da cidade de Itabuna (1990-2018)” e o dossiê feito pelo mapa cultural da prefeitura do Espírito Santo, que contém a trajetória da Mestra Baixinha, na O artigo de Mariane Oliveira Nunes (Monitora Delicada) é: “ A importância das mulheres na construção da capoeira da cidade de Itabuna (1990-2018)” e o dossiê feito pelo mapa cultural da prefeitura do Espírito Santo, que contém a trajetória da Mestra Baixinha, na qual há muitas informações retiradas de jornais impressos como o do “Gazeta”, entre outros jornais. É um dossiê que contém fotos sobre as moções,

participações em revistas físicas, as certificações pelos projetos sociais com a capoeira, eventos realizados e apresentações no Espírito Santo.

O interesse pela temática surgiu a partir do contato com leituras de trajetórias e experiências de mulheres negras em espaços de resistência, assim como, um contato mais direto com a capoeira com a minha chegada na adolescência, fui praticante por pouco tempo, mas tempo suficiente para não esquecer do ‘fazer capoeira’. Enquanto praticava capoeira no Ensino Médio, notava uma certa ausência de mulheres no ambiente capoeirístico. As aulas eram ministradas por um mestre de capoeira da localidade, então vez ou outra repetia-se dúvidas durante as aulas sobre a participação das mulheres nas rodas. Pairava a ausência de mulheres na liderança da capoeira, as mestras, sobretudo as mulheres pretas.

A motivação ampliou-se à medida que uma aproximação com mulheres capoeiras da região, se tornava frequente, como o caso de uma tia (irmã de minha mãe). Destaco que falo da cidade de Macapá no estado do Amapá. Todo esse envolvimento, seja por leituras, trajetórias, ou contatos mais diretos, originou na intenção de analisar a capoeira como esse espaço riquíssimo e transformador para se pensar o feminino, e um feminismo negro.

A partir da minha curiosidade inicial e ao cursar História, meu interesse em pesquisar sobre gênero, raça e capoeira foi se aprofundando. Iniciei buscas nas redes sociais e consegui identificar diversas mulheres capoeiras no Brasil, o que me permitiu selecionar as capoeiristas que compõem o estudo desta pesquisa. Que são elas: Mestre Baixinha - Maria Alessandra dos Santos Capixaba, que possui um vasto currículo e ampla experiência na capoeira, cuja trajetória serviu de inspiração, e a Monitora Delicada - Mariane Oliveira Nunes, baiana, cujas contribuições são fundamentais para o enriquecimento desta investigação. Todas essas mulheres são não apenas professoras de capoeira, mas também verdadeiros exemplos de resiliência, cuja dedicação e expertise na capoeira as tornam figuras emblemáticas no contexto desta pesquisa.

A partir das experiências e trajetórias da Mestre Baixinha e da Monitora Delicada, nesta investigação temos as dimensões de empoderamento e resistência que a capoeira proporciona às mulheres negras, enfatizando como suas presenças contribuem para a reconfiguração desse espaço tradicionalmente masculino. Assim, ao se apropriarem desses espaços, as mulheres se reafirmam no universo da capoeiragem.

No que tange aos espaços de lutas, resistência e trajetórias das mulheres negras na sociedade, percebe-se que são muito distintos das trajetórias vividas pelo feminismo das

mulheres brancas, visto que esse feminismo branco, tipicamente ocidental-europeu, sequer abarcou questões de cunho racial, algo de suma importância para as mulheres negras, marginalizadas e excluídas e que vivem em uma sociedade machista, patriarcal e, sobretudo, racista e discriminatória. Assim, torna-se necessário pensar em um feminismo que abarque todos esses atravessamentos. O afrofeminismo, ou feminismo negro, surge no sentido de ouvir a voz e a visibilidade as mulheres negras. Como mostra Collins (2021), em seu conceito sociológico da interseccionalidade, ao abordar a maneira como diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe e sexualidade, se cruzam e interagem na vida das mulheres negras, sendo impossível analisar as opressões vivenciadas por essas mulheres de forma isolada, mas sempre em intersecção, resultando em experiências de marginalização e resistência únicas. Como expõe Collins, sobre a interseccionalidade crítica ser uma ferramenta que configurar-se em sentidos mais amplos, dinâmicos:

A interseccionalidade como forma de investigação crítica invoca um amplo sentido de usos de estruturas interseccionais para estudar uma variedade de fenômenos sociais – por exemplo, a estrutura organizacional do futebol, as filosofias que moldam políticas públicas globais e nacionais e o ativismo social do movimento das mulheres afro-brasileiras – em contextos sociais locais, regionais, nacionais e globais. A interseccionalidade como prática crítica faz o mesmo, mas de maneiras que, explicitamente, desafiam o status quo e visam a transformar as relações de poder. (Collins, 2021, p.55).

Ao falarmos de resistências de mulheres negras, é importante analisar também o lugar de onde essas lutas se originam, isto é, a que lugar essa mulher pertence, em que ambiente vive e como se percebe a trajetória dessa mulher negra, ou seja, de onde vem esse feminismo. É de suma relevância salientar e destacar esse espaço físico, geográfico e histórico marcado por lutas próprias, como a América Latina. O feminismo latino-americano é distinto de um feminismo branco europeu. Ao situar esse espaço, notamos características envolvidas nesse ambiente e como as opressões e violências acontecem nesse cotidiano latino.

Desse modo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei assume um caráter claramente formalista em nossas sociedades. O racismo latino-americano é sofisticado o suficiente para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados dentro das classes mais exploradas graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada pelos cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos aparatos ideológicos tradicionais, reproduz e perpetua a crença de que as classificações e valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. (Gonzalez, 2020, p.130).

Lélia Gonzalez discute a questão racial na América Latina, a discriminação latente que as mulheres não-brancas passam, tanto as afroamericanas quanto as ameríndias, na qual a discriminação é ainda mais profunda, sendo marcada por opressões raciais, sexuais e de classe, fruto de um sistema capitalista patriarcal-racista.

Acerca das trajetórias de ambas, elas se destacam como figuras importantes na transformação desse espaço em um meio de resistência afrofeminista, utilizando da capoeira, como caminho pedagógico.

Alessandra dos Santos, a Mestra Baixinha, é graduada em Pedagogia e Educação Física, com pós-graduação em Psicopedagogia, em Educação Física Escolar e Psicomotricidade, e Mestra em Capoeira, com mais de 28 anos de prática (corda vermelha) no grupo A.C.A.P.O.E.I.R.A, formada pelo Mestre Capixaba, atuando também no coletivo “Zacimba Gaba”. A mestra possui uma carreira extensa na capoeira, e como educadora, demonstra com sua experiência, como a capoeira pode ser um caminho transformador pautado sempre na educação para a comunidade.



Alessandra dos Santos, Mestra Baixinha. Foto disponível no site do Mapa Cultural do Espírito Santo (2020) - <https://mapa.cultura.es.gov.br/agente/5116/>

Monitora Delicada, - Mariane Oliveira Nunes, possui formação em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, na Bahia. Foi bolsista Fapesb entre os anos de 2018 e 2019, pelo Núcleo de Estudos Afro-baianos Regionais (Kàwé), onde desenvolveu um trabalho sobre infâncias tradicionais negras na história brasileira. Atua como monitora de capoeira do grupo “Celeiro de Bamba Cordão de Ouro”, e é fundadora do coletivo “Mulheres de Bambas”. Atualmente, cursa mestrado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC. E o título provisório de sua dissertação é “Um celeiro de "bambas": a importância das mulheres na

construção da capoeira da cidade de Itabuna (1990-2018)”, e continua praticando capoeira no qual evidencia o seu caráter emancipatório, especialmente para mulheres negras.



Mariane Oliveira Nunes, Monitora Delicada. Foto: arquivo pessoal, disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Cz6pEaVx-Kp/?igsh=MW1sZXD3eGdlcGgyOA>

Ambas as capoeiristas, Mestre Baixinha e Monitora Delicada, exemplificam como a capoeira pode ser uma ferramenta de empoderamento feminino e de luta por igualdade racial e de gênero, e aqui serão analisadas as trajetórias sob a perspectiva da interseccionalidade. Segundo Patrícia Hill Collins (2021), a interseccionalidade oferece um quadro teórico essencial para compreender como diferentes formas de opressão, como raça, gênero, classe e sexualidade, interagem e se cruzam na vida das mulheres negras. Essa perspectiva permite uma análise mais profunda da atuação dessas mulheres em um espaço tradicionalmente dominado por homens, revelando como elas ressignificam a capoeira para torná-la um campo de resistência feminista.

Ademais, a relevância deste estudo reside em dar visibilidade às contribuições das mulheres negras na capoeira e destacar como essa prática pode ser transformada em um espaço inclusivo e de resistência. A atuação de Mestre Baixinha e Monitora Delicada evidencia o papel transformador da capoeira no contexto contemporâneo, promovendo inclusão social, enfrentamento às desigualdades e fortalecimento do empoderamento feminino. Ao incorporar a abordagem interseccional, torna-se possível não apenas entender as opressões enfrentadas, mas também valorizar as estratégias de resistência construídas dentro desta arte ancestral no espaço brasileiro.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso foi estruturado em dois capítulos sendo o primeiro a tratar sobre o panorama histórico da constituição da capoeira, como a mulher surge e se insere nesse universo da capoeiragem, e adiante, no segundo capítulo a

abordagem sobre a perspectiva afrofeminista relacionando às trajetórias, as vivências das mulheres capoeiras, Mestra Baixinha e Monitora Delicada, com enfoque na interseccionalidade de Patricia Hill Collins (2019;2021); a análise sobre os impactos socioculturais e de resistência no empoderamento de mulheres negras praticantes de capoeira.

2. O HISTÓRICO DA CAPOEIRA E SEUS DESDOBRAMENTOS NO CENÁRIO BRASILEIRO

As origens da capoeira surgem no contexto da diáspora africana e sua evolução no Brasil. Segundo Adorno (1985), o "fazer capoeira" trata-se de uma forma de resistência cultural entre os africanos escravizados no Brasil, particularmente nas regiões da Bahia e do Rio de Janeiro. Adorno aponta a capoeira não somente pelo viés da arte marcial, mas como uma forma de resistência contra a opressão, argumentando que a capoeira também é uma maneira de preservar a identidade e a cultura africana em um ambiente de repressão colonial.

Para o historiador Carlos Eugênio Líbano Soares (2008), fica evidente que a origem da capoeira esteve frequentemente envolta em uma visão de caráter romantizador e generalista. Em vez de considerar a capoeira como algo "pronto e feito". Soares nos convida a examiná-la através da história e do processo de escravidão no país.

O uso dos arquivos policiais por parte de Soares denota a perseguição e o controle social feitos pela polícia em meados do século XIX no Rio de Janeiro. A historiadora Mary Karasch, descreve o trabalho de Soares sobre o histórico da capoeira com as seguintes palavras:

Ele não apenas explora a ideologia da repressão implementada por Eusébio e outros chefes de polícia, mas também documenta o alto preço pago pelos capoeiras - ao menos 300 chibatadas a partir de 1818 - por sua corajosa resistência à escravidão. Soares leva o leitor para dentro das aterrorizantes cadeias que aprisionavam os capoeiras e outros escravos que desafiavam a ordem escravista, onde se misturavam aos prisioneiros políticos da Revolta da Cabanagem, no Pará (para grande temor do chefe de polícia, que temia que estes espalhassem suas ideias perigosas entre os escravos capoeiras). Suas descrições do tratamento cruel infligido aos prisioneiros do Arsenal de Marinha, que trabalhavam no Dique da Ilha das Cobras, acrescentam um novo capítulo ao nosso entendimento do controle social na sociedade escravista. (Karasch, 1999, p. 18).

Karasch em "A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro 1808-1850" expõe:

Depois de chegar ao Rio, os escravos defrontavam-se com o desafio de sobreviver. A imagem de paraíso tropical, romanceada pelos relatos de viagem

européus, era bem diferente para os escravos.' Para eles, o Rio de Janeiro era uma cidade de fronteiras, de limitações à liberdade. Alguns desses limites podiam ser cruzados com relativa facilidade e uns poucos, através de portões estreitos, mas outros eram muros impenetráveis. O problema para cada escravo era determinar quais fronteiras podiam ser cruzadas. As fortificações, muros e muros com cercas de ferro eram barreiras óbvias; menos claras eram as construções sociais que não ousavam trespassar com medo de maus-tratos brutais. (Karasch, 1972, p. 99).

Karasch, afirma que os escravos recém-chegados encontraram significativas barreiras sociais, políticas e econômicas que dificultavam sua ascensão social, sendo a fuga para áreas remotas, como florestas das montanhas, uma das poucas opções para alcançar uma liberdade temporária. As condições eram precárias e o problema da capoeira discutido por Soares, surge no contexto dessa cidade grande, urbana, longe de ser algo restrito a áreas periféricas, esse “problema” fazia parte do cotidiano da cidade.

[...] Karasch desvelou uma face da escravidão negra surpreendente para todos os estudiosos do tema, brasileiros ou estrangeiros. Uma escravidão onde os cativos não moravam em senzalas, não labutavam em engenhos e plantations, e não se refugiavam em quilombos. Um ambiente urbano povoado de escravos vendedoras ao ganho, que trabalhavam e moravam longe de seus senhores, que se encontravam nas ruas junto a vistosas quitandeiras africanas, jogavam capoeira nas praças públicas, e juntavam pecúlio para comprar sua ansiada alforria. (Soares, 2001, p.421).

Carlos Eugênio Líbano Soares e Mary Karasch descrevem em seus textos uma cidade complexa, repleta de dinâmicas e questões que transcendem análises simplistas. Eles retratam um Rio de Janeiro vibrante e pungente, onde as pessoas não são meros adereços do espaço urbano, mas indivíduos com papéis definidos dentro da engrenagem social da capital carioca. Nesse ambiente, no entanto, grande parte da população era excluída de uma vida justa. Como observado por Karasch, os escravizados eram privados de direitos básicos para viver com dignidade:

castigos cruéis e excessivos eram usualmente os motivos que os abolicionistas davam para a alta mortalidade dos escravos, mas eu diria que o simples descaso desempenhava um papel mais significativo do que a crueldade direta. Moradia, roupas, alimentação e cuidados médicos inadequados contribuíam muito mais para mortes prematuras do que o assassinato. (Karasch, 1972, p. 184).

Para compreender a capoeira é necessário sobretudo entender a sociedade no Rio de Janeiro da época. Visualizando esse corpo social carioca, os comportamentos de capoeiristas criavam um certo temor nos ditos "homens de bem", e este "incômodo" com a capoeira foi amplamente difundida, pois muitos associavam a capoeira como uma prática violenta e perigosa.

No final da primeira metade do século XIX, o jornal Monitor Campista do Rio de Janeiro publicou um artigo que abordava um dos maiores problemas sociais da capital e,

possivelmente, do Império no último meio século: os capoeiras. Com uma linguagem de teor sensacionalista. O texto criticava a ousadia das ditas "maltas de capoeiras", descrevendo suas ações audaciosas que, segundo o autor, nunca haviam sido tão intensas, embora essas atividades fossem comuns nos cinquenta anos anteriores.

Que lemos no Monitor de quinta-feira! Se bem que outros muitos atentados temos ouvidos referir praticados pelos capoeiras da corte e capital do Império, eram eles, todavia, miniaturas, simples filigranas em comparação com o arrojo desses que vimos narrados na participação oficial do chefe de polícia [...] a que ponto levam a audácia! (Soares, 2008, p.21)

É descrito que durante a noite, escravizados e pessoas de classes mais baixas assumiram o controle das ruas do Rio de Janeiro, desafiando a ordem social e gerando medo entre os moradores. É retratado que os jornalistas descreviam os capoeiristas como vagabundos, livres ou em condição de escravizados. Com isto, deixa-se a entender que estes indivíduos eram envolvidos em atividades criminosas, vícios, o que demonstra uma visão das classes médias e altas da época sobre os capoeiristas, associando assim a prática da capoeira ao comportamento criminoso.

Soares, destaca que longe de ser uma prática exclusiva dos escravizados, a capoeira refletia a rebeldia, ou seja, a resistência e a adaptabilidade cultural, especialmente dentro da cultura urbana complexa do Rio de Janeiro do século XIX. Com tamanha repressão e hostilidade não poderia deixar de citar a questão legal da capoeira que desde que emergiu sofreu uma intensa perseguição, no “enlace entre a ordem e a desordem” a prática já foi crime no Brasil, que segundo o Código Penal de 1890:

Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal (Brasil, 1890, Art. 402, cap. XIII).

A composição legal da capoeira mostra que considerava um agravante o pertencimento a alguma “banda ou malta”.

Art. 404. Se nesses exercícios de capoeiragem perpetrar homicídio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas combinadas para tais crimes. (Brasil, 1890, Art 404. Cap.XIII).

No caso deste artigo, se o praticante de capoeira fizer algo mais grave, essa pessoa receberá punições adicionais para esses crimes específicos, além da punição por praticar capoeira. Luziane de Assis Ruela Siqueira (2021), destaca que o Código de 1890 reforçou a repressão aos capoeiristas, autorizando o governo, por meio do decreto nº 145, a criar uma colônia correcional destinada à correção de vadios, vagabundos e capoeiras através

do trabalho. Isso evidencia a continuidade da perseguição aos praticantes de capoeira no Brasil durante esse período.

O decreto nos leva a refletir sobre como foi usado para legitimar a criminalização de certas práticas exercidas por pessoas livres após a abolição. Nesta concepção, tal processo foi marcado por questões sociais complexas e que a lei muitas vezes serve como ferramenta de controle social, refletindo interesses que vão além da justiça e da solidariedade. Em outras palavras, a lei não é apenas uma norma, mas também um instrumento que pode ser usado para controlar e moldar a sociedade de acordo com os interesses dominantes. Isso sugere que a criminalização da capoeira e outras práticas culturais pode ter sido motivada por fatores políticos e sociais mais amplos. Diante disto, Souza elucida:

A Capoeira como uma prática delituosa durou até 1937, quando o Presidente Getúlio Vargas, revogou o decreto de 1890, com a formação do Estado Novo e formalização de uma nova Constituição Brasileira. Nota-se, contudo, que o processo de descriminalização da Capoeira não foi apenas uma revogação de uma lei antiga, mas também um reflexo das mudanças políticas e sociais do Brasil, marcando um passo significativo no reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira. (Souza, 2024, p.3).

Nos primeiros anos do século XIX, Soares (2008), faz ressalvas de que os termos “nações africanas” frequentemente não representavam etnias específicas, e sim categorias criadas, forjadas pelo tráfico negreiro para identificar lugares de origem, evidenciando o termo “etnia” sendo utilizado para descrever essas identidades construídas ou até mesmo assimiladas.

Ao falarmos das "nações" africanas na capoeira escrava dos inícios do século XIX, temos sempre de ter claro que raras vezes elas se referem a etnias singulares do continente africano, ou à forma utilizada por seus habitantes para autodenominar-se. Eram designações “inventadas” pelo tráfico negreiro, as quais mais apontavam lugares e portos de comércio que povos ou grupos. Mesmo assim, utilizaremos o termo "etnia" porque compreendemos que este termo também se refere a identidades construídas ou assimiladas, o que é exatamente o caso das "nações" africanas no Rio. (Soares, 2008, p.75)

A capoeira pode ser entendida a partir de Soares, como um fenômeno multifacetado que se desenvolveu a partir da diáspora africana no Brasil. Sua abordagem dialoga com os conceitos de nação e etnia, mostrando como esses conceitos foram reinterpretados e redefinidos no Brasil colonial, e argumenta que, dentro da capoeira, essas distinções se entrelaçam, criando uma identidade coletiva entre escravizados, libertos e crioulos.

Essa identidade se manifesta na capoeira como uma forma de resistência cultural e como um fazer multifacetado, que engloba elementos de luta, dança, música e ritual, todos profundamente enraizados nas tradições africanas e adaptados às condições de vida

urbana no Brasil. A Mestre Janja (Rosângela Costa Araújo), em suas pesquisas sobre a Capoeira Angola, destaca que essa prática vai muito além de uma simples arte marcial ou expressão folclórica.

A autora destaca que a Capoeira Angola, especialmente advinda da escola tradicional pastiniana de Mestre Pastinha, não deve restringir-se à expressão e ao ato de fazer, devendo ser compreendida, portanto como uma forma de resistência cultural negra e um espaço de construção de identidade e pertencimento. Abaixo, as palavras de Sara Machado e Rosângela Costa Araújo evidenciam esse caráter transcendental da capoeira angola:

A Capoeira Angola, uma das mais importantes tradições culturais de matriz africana no Brasil, configura-se, atualmente, como uma filosofia de vida, uma forma de ver o mundo, que se atualiza e se insere no jogo político, na luta por reconhecimento. Os movimentos da capoeira nos permitem obter e criar visões de mundo dos mais diversos ângulos e posições" (Machado; Araújo, 2015, p. 99).

As palavras ditas por Machado e Araújo demonstram que a Capoeira Angola consegue abranger diversos aspectos da sociedade, como: filosóficos, espirituais e políticos. Tais apontamentos nos permitem visualizar a Capoeira Angola e seu caráter epistemológico, sendo seus próprios ensinamentos forjadores de auto-reflexão, autoavaliação e, outrora, participante no processo de formação de sujeitos.

Na Capoeira Angola o seu processo de aprendizagem não se limita a momentos de treinamento ou de aulas, mas passa pela inserção e o envolvimento dos aprendizes no universo da capoeiragem, o que atualmente acontece principalmente por meio dos grupos de capoeira. (Machado; Araújo, 2015, p. 101–102).

No embalo desse envolvimento e ginga cria-se um universo de possibilidades, de aprendizagens que vão para além da roda. Deste modo, é interessante perceber os apontamentos feitos pelas autoras, assim como o de Soares, que acrescenta sobre o sentido do fazer capoeira não sere apenas uma prática isolada de resistência, mas um produto cultural complexo que reflete as transformações sociais, étnicas e culturais ocorridas entre os africanos e seus descendentes no contexto urbano brasileiro durante e após o período de escravidão.

Sendo assim, é no interior da escravidão urbana, vigorosa como nunca na época de nossa saga, que podemos entender a capoeira. Sua moldura, seu entorno, seu contexto era a densa cultura urbana forjada por escravos no Rio de Janeiro, e sendo assim, não podemos estranhar que, em todo o tempo de nossa narrativa, vamos nos reportar a esta formação cultural. Mais do que um fato da resistência escrava (que é sim relevante), a capoeira informa das transformações étnicas e culturais que envolveram escravos e libertos, africanos e crioulos, dentro da cidade colonial, na passagem para metrópole imperial. (Soares, 2008, p. 25).

Portanto, é necessário pensar a capoeira como parte desse processo diaspórico africano, não desligado de quaisquer raízes, a capoeira se fez a partir da multidiversidade cultural do continente africano, portanto a ancestralidade é algo de suma importância ao se pensar em capoeira. Como dito por Mestra Janja e Sara Machado:

A referência à ancestralidade diz de quem somos nós, a quem devemos a nossa existência aqui e agora, mas vai além de laços consanguíneos, trazendo seu sentido para o pertencimento. Implica em conhecer e reconhecer-se na construção de sua própria história e missão de vida. A ancestralidade remete não ao passado descolado do presente e do futuro, mas a partir da ideia do tempo circular, não linear. Ela remete ao reconhecimento dos valores e sentidos que nos conformam, que dão sentido à nossa auto-percepção no mundo, ao autoconhecimento, à compreensão mais ampla de nossa própria existência. Ancestralidade que envolve a dimensão espiritual, passando pelo corpo e pela natureza (Machado; Araújo, 2015, p. 107).

O conceito de ancestralidade como discute Oliveira (2005), em sua tese intitulada *Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*, tornou-se para o autor, uma categoria analítica. Machado e Araújo (2015), tecem uma análise sobre a questão da ancestralidade e africanidade no contexto da cultura negra brasileira, como a capoeira e o candomblé.

As pesquisadoras utilizaram a tese de Oliveira pontuando a ideia do autor de uma “África mitificada”, apresentada como uma construção que não necessariamente reflete a realidade contemporânea da África, mas sim como uma busca por reconectar com uma história e cultura próprias. Como relatado abaixo:

Esta busca pela re-construção de uma história negada e pela oportunidade de pensar o mundo desde um lugar mais próprio e anti-hegemônico resulta numa ação positiva e produz uma narrativa e um sistema de identificação inclusivos. O que não impede de reconhecer as culturas como processos dinâmicos de significação, nas quais não há uma essência (Machado; Araújo, 2015, p. 108).

A exemplos de grupos de capoeira como o grupo Nzinga, apresentados por Mestra Janja e Sara Machado, a questão da ancestralidade se faz como uma bandeira de luta política que defende a ligação da capoeira com suas matrizes africanas. Embora haja divergências entre os grupos de capoeira, a ancestralidade é vista como uma posição política que valoriza a cultura negra no Brasil e luta contra a discriminação.

Os estudos de Mestra Janja, Sara Machado, Soares e Filho em volta da capoeira trazem à tona a capoeiragem e como ela se perpetua ao longo da história do país.

A compreensão etimológica de capoeira abre margem à descoberta de informações sobre sua origem. Adolfo Moralles de Los Rios Filho, sugere uma origem para a palavra “capoeira”. Segundo Soares, para o arquiteto e historiador Adolfo Moralles a palavra teria origem na palavra “cá”, do tupi antigo, referindo-se a qualquer

material proveniente da mata, e “pú” significa cesto. Portanto, o termo indígena originalmente designava os cestos feitos com materiais retirados das florestas. “Capú” era o nome dado aos grandes recipientes usados pelos escravizados durante o período colonial para carregar mercadorias nos portos, e as pessoas que desempenhavam essa função eram chamadas de “capoeiros”. Assim como evidencia Soares:

O ponto de partida do pesquisador é que o termo em questão é híbrido, tem duas raízes: uma indígena, tupi-guarani (capo); outra, portuguesa, do vernáculo luso (eira), que se aplicava costumeiramente a um grupo social determinado, de baixa extração. Mas o problema levantado não era fácil como aparenta, ao contrário do que pensavam outros pesquisadores contemporâneos, que ele acusava de criarem "fantasia" e de caírem no "ridículo" ao abraçar o tema. (Soares, 2008, p. 49-50).

Segundo Moralles de Los Rios Filho, a capoeira como uma forma de luta teria surgido entre esses trabalhadores durante suas disputas corporais, através de simulações de brigas durante seu tempo livre. Com o tempo, essas disputas evoluíram para a formação de grupos hierárquicos e a busca pela liderança levou à criação do “jogo da capoeira”. E no Brasil a capoeira emergiu em variadas localidades, cidades em especial como no Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís do Maranhão, em um ambiente de escravidão urbana, considerando então esse processo de urbanização brasileira entrelaçado à origem da capoeiragem e a origem dos capoeiras.

2. 2 AS MULHERES NA CAPOEIRA

Adentrando questões de registros sobre a capoeira no Brasil, de acordo com Abreu (2005), registros feitos por estrangeiros sobre a capoeira na Bahia durante o século XIX mostram cenas de homens negros jogando, enquanto as mulheres permaneciam nos espaços, mas sem adentrar as rodas de fato. Chega-se então ao ponto pertinente, o da presença feminina na capoeira, na qual a ausência de registros leva à conclusão equivocada de que as mulheres não jogavam capoeira. Não havia registros, era um espaço dominado majoritariamente por homens, como apontado por muitos historiadores da capoeira. Soares, discorre sobre as mulheres terem sido em grande parte banidas da capoeira até o século XX, entretanto, as mulheres viviam nos espaços dos capoeiras e participavam de rebeliões nas cidades, sendo importantes para os levantes ocorridos na época. Conforme relata Abreu:

Nos jornais da época, muitas vezes, figuram responsabilizadas por muitas das ‘quotidianas desordens’ que grassavam na cidade. Mulheres vigorosas (na memória as fateiras) dotadas fisicamente para os trabalhos pesados de carregar e longos deslocamentos a pé (às vezes, conduzindo os filhos às costas) (Abreu, 2005, p. 46).

Destaca-se, portanto, que as mulheres estavam presentes nas revoltas regionais, e não eram apenas telespectadoras, mas bastante ativas, inclusive praticando golpes de capoeira. Embora se comparado aos homens, não havia tantas praticantes. Abreu (2005, p.47) descreve, de modo negativo a prática: “mulheres aplicando golpes de capoeira. Talvez isso fizesse aquelas que vinham na rabada da procissão de Senhor dos Passos, em Cachoeira, no Recôncavo, como noticiou o jornal Satanaz Ilustrado, em abril de 1881”.

A prática da capoeira tornou-se, segundo a visão patriarcal, mais uma atividade que a mulher não deveria exercer. Conforme Oliveira e Leal:

O final do século XIX, no Brasil, representou o auge da disciplinarização do corpo feminino, devido à preocupação com a formatação de uma identidade para a nação brasileira. O esforço da intelligentsia nacional era de construir, no país, um vínculo de identidade cultural com a Europa. As experiências indígenas e as heranças culturais africanas não deveriam ser levadas em consideração; pelo contrário, deveriam ser eliminadas do cotidiano social. (Oliveira; Leal, 2009, p. 137)

No final do século XIX, construíram um modelo ideal de mulher, centrado em comportamentos voltados para o marido, os filhos e o lar, havia também uma resistência a esse padrão, visível nas denúncias sobre mulheres que não se encaixam nesse modelo. Essas mulheres, muitas vezes pobres e marginalizadas, conviviam com capoeiras, e essa relação era malvista pela imprensa. No entanto, o cotidiano dessas mulheres era regido por suas próprias regras, que, embora incompreendidas por observadores externos, faziam sentido para elas. A convivência com os capoeiras não apenas oferecia uma alternativa de vida, mas também proporcionava uma aprendizagem única de habilidades corporais e do uso de instrumentos de capoeira. Dessa forma, surgia a mulher capoeira, que se afastava significativamente do ideal de feminilidade da época, moldando sua identidade através do uso do corpo e da prática da capoeira (Oliveira; Leal, 2009).

As mulheres constituíam papéis importantes na cultura urbana escrava brasileira, todavia essa exclusão inicial do universo da capoeira, se consolidou, mesmo tendo alguns casos isolados da época, com isso traça-se um panorama sobre a presença feminina na capoeiragem, que ganhará força a partir do século XX.

Com o aparecimento de figuras vistas como lendas antes de 1970, como o caso das famosas capoeiristas, Maria Homem, Julia Fogareira e Maria Cachoeira, entre outras mulheres, que apesar de terem sido capoeiristas lendárias, não conseguiram obter o

mesmo prestígio e visibilidade que os homens recebiam. Como salienta Maria José Somerlate Barbosa:

No entanto, mesmo que algumas capoeiristas tenham se tornado figuras lendárias, não gozam do prestígio e da admiração reservados aos homens que se destacaram na capoeira na mesma época. Os esparsos comentários publicados sobre as atividades dessas mulheres referem-se geralmente a seu comportamento “masculino” e/ou a sua destreza, como alguns dos apelidos revelam (Maria Homem, Júlia Fogareira, Maria Pé no Mato). Parece importante também ressaltar que a documentação escrita é extremamente escassa para que se possa traçar um perfil e/ou avaliar com precisão o desempenho feminino no âmbito da capoeira nas décadas anteriores a 1970. (Barbosa, 2005, p.10)

O que se percebe através de Barbosa, é essa constante masculinização da mulher praticante de capoeira, dos feitos dessas mulheres serem colocados como “masculinos”, destacando que as mulheres negras eram mais comumente associadas a características masculinas, eram vistas como fora do conceito padrão de feminilidade, sofrendo com a estereotipização, discriminação em uma sociedade racista, imbuída de preconceitos, onde atribuir “apelidos” como no caso de “Maria Homem”, refletiam bem este processo.

Mesmo sem participação ativa em rodas ou jogos antes dos anos 1970, as mulheres estavam presentes nos espaços em torno das rodas de capoeira. A partir de Ruth Lande (1947), em *City Of Women*, em que dirige estudos sobre a mulher baiana ser um elemento catalisador da cultura de Salvador, percebe-se o papel cultural que as mulheres possuíam. As baianas em Salvador e as quitandeiras no Rio de Janeiro criaram o ambiente que favorecia a formação das rodas. A presença feminina, portanto, era catalisadora, embora indireta. A antropóloga Ruth Lande em sua obra retrata uma canção, acerca da mulher que, de tabuleiro à cabeça, vende especialidades africanas:

Dez horas da noite na rua deserta.
A preta mercando: parece um lamento...
lê abará!
Na sua gamela tem molho cheiroso,
pimenta-da-Costa, tem acarajé.
Ô acarajé ecô olalai ô
Vem benzê, hein? Tá quentinho!
Todo mundo gosta de acarajé,
O trabalho que dá pra fazer é que é.
Todo mundo gosta de acarajé.
Todo mundo gosta de abará.
Ninguém quer saber o trabalho que dá.
Todo mundo gosta de abará.
Todo mundo gosta de acarajé.
Dez horas da noite na rua deserta.
Quanto mais distante mais triste o lamento...
lê abará! (Landes, 1947, p.160).

A representação da mulher na roda e nas cantigas de capoeira tem sido marcada de diversas maneiras, como Landes demonstra na cantiga acima. Uma quitandeira levando o seu “abará”, comida tipicamente baiana assim como o acarajé pelas ruas. A letra apresenta essa vendedora ambulante de uma forma poética e evocativa, com a mulher chamando a atenção dos passantes para a sua comida, destacando que está quentinha e que todos gostam dela. No entanto, a cantiga também parece ter um tom de lamento e tristeza, especialmente quando menciona “dez horas da noite na rua deserta” e “quanto mais distante mais triste o lamento”.

Essa combinação de elementos sugere que a cantiga está abordando temas mais profundos, como a luta diária das mulheres negras para sobreviver. Ao mesmo tempo, pode expressar a saudade e o desejo de conexão humana, mesmo em meio à multidão da cidade. Além disso, a valorização da cultura e da culinária afro-brasileira é uma parte importante da identidade e da herança cultural do Brasil.

Contudo, é importante frisar que a cantiga também pode ser vista como uma forma de resistência e de afirmação da identidade negra e feminina, em um contexto em que essas vozes e experiências eram frequentemente marginalizadas e silenciadas. Nesse sentido, a mulher da cantiga não é apenas uma vendedora ambulante, mas também uma figura que resiste e se afirma em um ambiente hostil. De acordo com Letícia Vidor de Sousa Reis¹ (2020), "Assim como nas demais manifestações culturais afro-brasileiras, a oralidade está na base da tradição e da transmissão de saberes. Na capoeira, as cantigas são um dos mais importantes registros da memória coletiva. Nestas cantigas, observam-se várias representações da mulher. Uma delas é a da mulher infiel ou “traíra”. Diz uma delas: Ela tem dente de ouro/ Fui eu que mandei botar/ Vou rogar nela uma praga/ Pra esse dente se quebrar/ Ela de mim não se lembra/ Nem dela vou me lembrar (domínio público)."

Como descrito por Reis, a mulher pode ser representada de múltiplas maneiras dentro das cantigas de capoeira. Outras representações comentadas pela capoeirista Reis são da mulher ciumenta, traíra, e da mulher “mãe de Deus beatificada”, como descrita na cantiga a seguir: *Adeus, adeus! / Boa viagem! / Eu vou-me embora/ Boa viagem! / Eu vou com Deus/ Boa viagem! / E Nossa Senhora/ Boa viagem!* (domínio público).

¹ REIS, Letícia Vidor. Tem mulher na roda! o empoderamento feminino. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/capoeira-mulheres/tem-mulher-na-roda-o-empoderamento-feminino/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Barbosa (2005), também discute sobre a participação das mulheres e sua representação através das cantigas populares, das cantigas de capoeira, e parte da tradição oral atesta a presença das mulheres, como no corrido “Dona Maria, o que vende aí?”, que é um reflexo de sua atuação nos arredores das rodas de capoeira, desse universo da capoeiragem, que não se restringia apenas a lutas, mas se mostrava tão amplamente dinâmico em que se envolvia os corpos.

A ausência de registros escritos, essa documentação limitada, pode impedir análises mais precisas da participação feminina, quando olhamos para séculos anteriores ao século XX, contudo é arriscado generalizar, simplificar a contribuição feminina, ou até mesmo afirmar um impacto significativo durante esses períodos mais recuados da história brasileira, por isso torna-se necessário elucidar que mesmo diante a escassez de registros e documentos, e a valorização histórica seja limitada, a presença da mulher, direta ou indireta, foi importante para a cultura da capoeira. Com o período de redemocratização (1985) do país os movimentos sociais ganharam mais força, reforçando o aparecimento e fortalecimento de grupos ou coletivos femininos feministas, assim, as mulheres passaram a ter um envolvimento maior na prática, e sua participação tornou-se mais sistêmica, marcando uma transformação gradual no espaço capoeirístico.

3. CONCEPÇÃO AFROFEMINISTA E AS TRAJETÓRIAS DE MESTRA BAIXINHA E MONITORA DELICADA

Todo o estudo que se preze em falar de feminismo precisa abordar as questões de gênero. Os conceitos são importantes à medida que entendemos seu significado e tudo que o envolve. Joan Scott (1995) analisa criticamente o uso do termo "gênero" na produção acadêmica a partir dos anos 1980, observando que, em muitos casos, esse conceito passou a ser utilizado como substituto da palavra "mulheres" nos títulos de livros e artigos. Tal substituição, segundo a autora, não representa apenas uma mudança terminológica, mas uma tentativa de conferir maior legitimidade científica ao campo dos estudos feministas, já que o termo “gênero” carrega uma conotação mais neutra e objetiva dentro das ciências sociais. No entanto, Scott alerta que esse uso pode diluir o caráter político dos estudos sobre mulheres, pois o termo “gênero”, nesse contexto, não explicita a desigualdade nem nomeia os sujeitos historicamente marginalizados, como as próprias mulheres.

Além disso, Scott defende que o conceito de gênero deve ser entendido como uma construção social que organiza as relações entre os sexos e estrutura hierarquias de poder. O termo rejeita explicações biológicas que associam a subordinação feminina à natureza, como a capacidade de dar à luz ou a menor força física, propondo, em vez disso, que os papéis atribuídos a homens e mulheres foram culturalmente construídos.

Não se trata assim apenas de uma única coisa, ou que possui uma única característica, mas múltiplas facetas sem um papel social fixo. Sendo assim, o gênero é uma construção social, não algo natural, mas criado culturalmente e historicamente. Seria também uma categoria de análise histórica, pois em sua defesa ela propõe que gênero deveria ser usado como ferramenta para entender como as relações de poder são organizadas em diferentes períodos e contextos.

Fica evidente que para Scott o gênero está ligado ao poder, que organiza e sustenta as relações tanto em nível simbólico, quanto institucional. Perpassando por Scott, analisa-se Judith Butler (2018), que discute em *mulheres sujeitos do feminismo*, o quanto esta não será algo predeterminado ou inerente, mas sim uma construção social e discursiva que se relaciona com a luta política das feministas, e desse modo, Butler, desafia a ideia de que existe uma identidade feminina única e uniforme, propondo que o gênero é performático e que o movimento feminista precisa considerar essa complexidade, indo além de uma visão essencialista do gênero.

E se tratando do feminismo de modo geral, nota-se as complexidades existentes, principalmente se o foco for o contemporâneo. Há um encontro inevitável entre as múltiplas informações e as variadas vertentes e definições para um movimento que pode parecer homogêneo em um primeiro contato, mas que se revela ao longo do tempo e do espaço como algo extremamente heterogêneo. Existem conceitos capazes de abarcar amplamente o que seria o feminismo, sendo um deles o que bell hooks (2018) define como um movimento que almeja acabar com o sexismo, assim como com a exploração sexista e a opressão. Ao abordar questões de conscientização feminista, propõe-se que:

Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação (hooks, 2018, p.23).

O feminismo como ato político em hooks avança o debate da Scott quando a autora traz que o feminismo é uma ferramenta crítica para desmontar essas estruturas e transformar a forma como pensamos a história, a política e a sociedade. Não se

constituindo apenas do político, mas do crítico e da prática teórica que questiona as categorias tradicionais da história.

E esse feminismo traz consigo o barulho ensurdecedor que a sociedade patriarcal tentou silenciar no feminino. Os abusos e as violências sofridas pelas mulheres no cotidiano, assim como os silenciamentos na história, trazem à luz um movimento que busca igualdade, reconhecimento, visibilidade e ressignificação. Michelle Perrot (2005) analisa, através de uma perspectiva histórica e crítica, como as mulheres foram excluídas da narrativa oficial, o que reflete uma omissão intencional de suas contribuições e experiências na história. Sendo assim, para Perrot, o feminismo é uma luta essencialmente contra esse apagamento e silenciamento histórico, destacando o quão multifacetado é o movimento, que deve ser compreendido em suas diversas manifestações ao longo do tempo e do espaço. É um movimento de caráter plural, não monolítico, constituído por uma série de lutas e reivindicações que variam conforme o contexto social, político e cultural.

Dessa forma, tem-se a vertente afrofeminista dentro do feminismo, um feminismo que é luta de gênero e raça. O feminismo negro, ou afrofeminismo, distingue-se do feminismo branco e burguês. Essa vertente foca nas experiências, lutas e resistências que, para Conceição Evaristo (2023), trata-se de uma luta que reconhece as especificidades das opressões que as mulheres negras enfrentam, diferenciando-se do feminismo hegemônico, que muitas vezes não considera as questões raciais e as desigualdades vivenciadas pelas mulheres negras. Além disso, a autora traz o termo "Escrevivência" para descrever sua prática literária, que une escrita e vivência. Ela propõe que a escrita das mulheres negras seja uma forma de vivência, uma maneira de narrar suas experiências e resistências de uma perspectiva própria, muitas vezes ignorada pela literatura tradicional.

Evaristo (2021), relata que a escrevivência extrapola os limites tradicionais, e na academia seria a "episteme nascida de experiência negra". Portanto, tanto o afrofeminismo quanto a escrevivência, segundo Conceição Evaristo, são formas de resistência que buscam dar voz e visibilidade às experiências das mulheres negras, articulando a luta contra as opressões de raça, gênero e classe, enquanto celebram a ancestralidade e a cultura afro-brasileira que vive em cada uma.

Sabendo desse caráter multifacetado do feminismo, é preciso reconhecer que a região, a localidade, o lugar de luta feminina, também importa quando se trata do movimento. E o feminismo decolonial com Françoise Vergés (2020), aparece no contexto

latino-americano, mulheres negras como as quilombolas, por exemplo, não só resistiram à escravidão, mas continuam a lutar por direitos territoriais, culturais e políticos. O feminismo decolonial de Vergès valoriza essas lutas e reconhece que a resistência das mulheres negras é uma parte essencial da luta contra a opressão colonial. Como dito por Vergès (2020), os feminismos de política decolonial desempenham um papel fundamental na luta pela afirmação do direito à existência de parcelas da humanidade historicamente oprimidas, contribuindo para a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Isso implica questionar e transformar as estruturas de poder patriarcais e coloniais que sustentam a desigualdade e a exclusão.

O processo de colonização no Brasil foi altamente violento e excludente para com as comunidades negras, entretanto havia mulheres como à exemplo de Maria Firmina dos Reis, foi uma figura notável do período imperial no Brasil, era escritora, professora em meio as profundas desigualdades sociais, escravidão e discriminação racial. Ela era filha de pais libertos e teve acesso à educação, o que era raro para pessoas de sua origem na época. Firmina dos Reis dedicou sua vida à educação e à escrita, utilizando sua voz para promover a justiça social e a igualdade. Além disso, ela também foi uma precursora do feminismo no Brasil. Em seus poemas, ela explorava as limitações impostas às mulheres na sociedade patriarcal da época, questionando as normas de gênero e defendendo a autonomia feminina. Além de abordar as injustiças sociais, seus poemas também celebravam a cultura negra, destacando a beleza e a riqueza da herança africana. Ela buscava afirmar a identidade negra em uma época em que a negritude frequentemente era marginalizada. Como aponta Silva:

A "mulher preta" não apenas "diz quem é" ou "quem não é". Como uma identidade negra feminina construída cultural e socialmente, ela declara, acima de tudo, "em que se tornara" e "o que quer ser e fazer". (Silva, 2010, p. 26).

Lélia Gonzalez (2020), destaca como o racismo latino-americano, especialmente no Brasil, mantém grupos subordinados por meio da ideologia do branqueamento. Isso afeta profundamente as mulheres negras, que enfrentam interseccionalidade de opressões: racismo, sexismo e classismo. O impacto de tal ideologia é desastroso, criando como consequência uma invisibilidade, pois a ideologia do branqueamento ignora as contribuições e experiências das mulheres pretas, tornando-as invisíveis na história e na sociedade. O branqueamento como ideologia alimenta estereótipos, representações negativas e caricatas nas mídias como a "mulata sensual" ou "empregada doméstica", reforçam estereótipos prejudiciais. Há uma discriminação latente, uma violência

recorrente e a desvalorização cultural, como efeitos-causais da ideologia que perpetua pelo cotidiano da mulher negra no Brasil.

Diante do exposto, o feminismo quanto movimento multifacetado apresenta-se de modo distinto a depender do espaço e do tempo, não se nascendo feminista, se tornando, quanto ato político. A análise das vertentes afro-feministas e decoloniais no feminismo revelam a complexidade e a profundidade das lutas das mulheres negras, que vão além das questões de gênero, englobando também as dimensões raciais, sociais e históricas. Deve-se um destaque especial para mulheres de tempos diferentes como Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis, reconhecendo que a resistência dessas mulheres se manifesta não apenas na luta contra as opressões, mas também na valorização da cultura e da ancestralidade afro-brasileira.

A escrevivência de Evaristo Conceição nos permite traçar o paralelo com Maria Firmina dos Reis, no quanto suas escritas estão marcadas pela trajetória da mulher negra. Uma escrita que tem um sentido emancipatório. Essas contribuições são fundamentais para compreender o feminismo de uma perspectiva que abarca as especificidades das mulheres negras, evidenciando a importância de reconhecer e celebrar as diversas formas de resistência e afirmação identitária que têm moldado e continuam a moldar a trajetória do feminismo no Brasil e na América Latina.

3.1 MESTRA BAIXINHA E MONITORA DELICADA: SER MULHER NEGRA E CAPOEIRISTA

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.
Simone de Beauvoir

Refletir sobre interseccionalidade, gênero e raça tornam-se fundamental para compreender como as mulheres enfrentam desafios específicos em uma sociedade que as oprime em múltiplos níveis. Nesta seção, evidenciam-se as experiências de capoeiristas enquanto mulheres negras, demonstrando como o machismo, o racismo e o sexismo se fazem presentes em seu cotidiano. É importante reconhecer que as mulheres possuem identidades sociais complexas e interligadas, que envolvem gênero, raça, classe, religião, orientação sexual, etnia, entre outras dimensões. Assim, essas identidades se entrelaçam, influenciando de forma singular suas vivências (Machado; Negreiros, 2024).

Nesse sentido, ao resgatar a entrevista concedida por Mestra Baixinha ao jornal online **Merkato**², em 2023, nota-se as dificuldades enfrentadas por ela ao longo de sua trajetória enquanto mulher negra. A entrevista se inicia com uma pergunta sobre sua história de vida, paixões e memórias de infância. Ao responder, Mestra Baixinha se apresenta como oriunda de Cariacica, Espírito Santo, com 42 anos de idade, casada e cristã. Sua introdução revela uma forte ligação com o núcleo familiar, como demonstra no seguinte trecho:

E algo na minha infância... Lembro da minha mãe, sempre que alguém passava vendendo livros, ela comprava pra mim, sempre me motivando a ler, a escrever. Ela sempre falava: 'Eu não pude estudar como eu gostaria, mas quero que você estude e aprenda tudo o que eu não tive oportunidade'. Isso me marcou muito. (Baixinha, 2023³).

Essa resposta nos remete à figura materna como peça central na continuidade dos estudos de Mestra Baixinha. A persistência da mãe e a resistência da filha evidenciam como as oportunidades podem ser escassas na vida de uma mulher negra. A mãe foi sua principal motivação, assim como uma professora de Química, chamada Kelly, que a incentivou a praticar capoeira, quando Baixinha não tinha recursos. Tais relatos revelam o impacto da inspiração feminina educacional em sua vida desde a juventude.

A figura materna, enquanto exemplo de vivência, permeia a trajetória de Mestra Baixinha e está carregada de afeto. Sua presença na família, na capoeira e na universidade reflete uma mulher que constrói sua identidade em diferentes esferas. Sua participação no coletivo feminino Zacimba Gaba⁴, no Espírito Santo, reforça uma rede de solidariedade e empatia. Este coletivo busca debater temáticas relacionadas à vida das mulheres nas rodas de capoeira, promovendo um ambiente de segurança, respeito e igualdade. Mestra Baixinha realiza eventos, palestras e aulas em parceria com o grupo, evidenciando a força da união feminina.

A partir das falas da Mestra, pode-se refletir sobre a importância do núcleo familiar como categoria relevante em sua formação. O núcleo doméstico é espaço de múltiplas experiências e desempenhos de papéis sociais diversos. Com isto, entende-se que a família é o primeiro ambiente em que a criança aprende a respeitar e valorizar as

² Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

³ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

⁴ <https://www.instagram.com/coletivozacimbagaba/> Coletivo feminino formado por Capoeiristas do Espírito Santo.

diferenças entre as pessoas, seja em relação ao temperamento, aos gostos, aos desejos ou às necessidades. É dentro desse núcleo que ela começa a compreender e aceitar as particularidades do outro, o que será fundamental para seu desenvolvimento social e emocional. Conforme apontado por Liduína Lopes Alves e Gabrielle Silva Marinho (2012), esse aprendizado inicial na família é crucial, pois é ali que a criança estabelece as bases para suas relações interpessoais e para o reconhecimento da diversidade no mundo ao seu redor. E de acordo com Nilma Lino Gomes:

As figuras paterna e materna são importantes referências da origem racial da criança negra, introduzindo-a na complexa discussão sobre a raça e inculcando-lhe a necessidade de mostrar-se mais competente do que os brancos, principalmente através da escolarização. (Gomes, 1994, p. 55).

A mulher, por exemplo, frequentemente exerce funções simultâneas: mãe, profissional, acadêmica, responsável pelo lar e cuidadora. Já os homens, embora também assumam papéis diversos, não enfrentam o mesmo grau de sobrecarga social. Mestre Baixinha, embora não seja mãe biológica, afirma:

E... Não tenho filhos, mas a capoeira me deu filhos do coração que me chamam de mãe. Eu moro em Cariacica, em Santa Bárbara, mas nasci em Vila Velha. Sou filha de Sebastiana Rodrigues da Silva e de Alcides de Santos; os dois estão vivos... Me ensinaram a ser honesta, humilde, responsável, respeitosa, solidária... A maior herança que eles me proporcionaram, que nenhum dinheiro compra. (Baixinha, 2023⁵).

Ressalta-se aqui um desafio crucial enfrentado por mulheres em esportes e lutas, como a capoeira: a pressão dos papéis de gênero tradicionais. De acordo com tais apontamentos, Eliane Glória dos Reis (2018) vai mostrar que:

No que tange às mulheres que praticam esportes e lutas, o casamento, a maternidade e a formação da família são fatores que as influenciam a desistirem da carreira, atendendo aos papéis de gênero estipulados culturalmente pela sociedade heteronormativa. Essas capoeiras mães tentam conciliar a maternidade, a casa e o casamento com a profissão de professora de capoeira. Isso se torna extremamente difícil, uma vez que, segundo elas, essa carreira não se restringe a dar aulas, mas a viajar para eventos de seu grupo e de outros grupos, tanto no Brasil como no exterior, além da dedicação aos treinamentos diários para adquirir uma boa técnica. (Reis, 2018, p. 55).

Para muitas dessas atletas, especialmente as que se tornam mães e esposas, a expectativa social de priorizar o casamento, a maternidade e os afazeres domésticos muitas vezes as levam a desistir de suas carreiras. As falas de Mestre Baixinha trazem à

⁵ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

tona a reflexão, e Silva (2019) aponta que, para as "capoeiristas mães", a conciliação entre a vida familiar e a exigente profissão de professora de capoeira se torna uma batalha diária. A complexidade não reside apenas em dar aulas, mas também na necessidade de viagens constantes para eventos e treinamentos rigorosos, essenciais para manter a técnica e a visibilidade na modalidade. Essa realidade evidencia como as estruturas sociais heteronormativas impactam diretamente a permanência e o avanço de mulheres nessas áreas.

A família, nesse sentido, transmite valores e saberes que moldam a vida da professora e mestra de capoeira. Ao longo da entrevista, outras temáticas emergem, como a violência e a insegurança — experiências recorrentes para muitas mulheres, especialmente negras. Carla Akotirene (2019) ressalta que a violência contra mulheres negras não se restringe a agressões isoladas, mas constitui um processo contínuo de marginalização. Esta violência estrutural se manifesta tanto em ações explícitas quanto na ausência de reconhecimento das especificidades dessas mulheres.

Quando questionada sobre as dificuldades enfrentadas para se tornar Mestre e pedagoga, Baixinha (2023)⁶, responde: *“Foram vários os desafios que passei até chegar aqui, principalmente, por ser mulher”*. A questão de ser mulher fez com que Baixinha enfrentasse diversas dificuldades.

A primeira dificuldade foi o financeiro. Uma outra, foi a não aceitação do meu pai, porque pra ele capoeira era coisa pra homem, era coisa pra gente desocupada, que não tinha trabalho. (Baixinha, 2023⁷).

Ao mencionar a dificuldade financeira, a análise interseccional entre classe e gênero se impõe. Como propõe Davis (2016), as mulheres negras enfrentam um histórico de condições precárias de trabalho, longas jornadas, discriminação racial e de gênero, além da exploração econômica. Collins (2021) complementa ao evidenciar que a situação da mulher negra é profundamente impactada pelo racismo estrutural e pela exclusão econômica, o que intensifica a luta diária pela sobrevivência.

Outro ponto levantado por Mestre Baixinha diz respeito à insegurança:

Outra dificuldade que eu tive nesse caminho foi bem no início. O trajeto que eu fazia para ir pro treino. Na escola onde eu treinava, até a minha casa, tinha falta de iluminação, muito mato... Várias vezes eu tive que correr de vários

⁶ Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

⁷ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

homens me seguindo e eu não podia comentar nada pra minha mãe, com medo dela não me deixar treinar. (Baixinha, 2023⁸).

O trajeto, enquanto espaço urbano, revela-se um local de medo e vulnerabilidade para as mulheres. A violência sofrida por mulheres negras vai além do assédio ou da agressão direta — ela está na negligência das políticas públicas, na invisibilidade social e na constante negação de sua humanidade (Akotirene, 2019). Grada Kilomba (2019, p. 80) reforça:

O termo ‘cotidiano’ refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um ‘ataque único’ ou um ‘evento discreto’, mas sim uma ‘constelação de experiências de vida’, uma ‘exposição constante ao perigo’, um ‘padrão contínuo de abuso’ que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família.

O racismo cotidiano acomete a população negra em várias camadas e espaços sociais, as experiências são como uma constante e não um ataque único, isolado e discreto. Grada Kilomba reforça acima essa questão, pois mostra como o racismo está impregnado e como ele atua de modo a se perpetuar nesses espaços. É na vulnerabilidade social, a insegurança de mulheres negras conseguirem no final do dia após a jornada de trabalho, faculdade, academia, escola, entre outros chegar em casa. Mulheres negras que perpassam pela dura realidade de enfrentar a escuridão das ruas, os preconceitos, o racismo e a misoginia a solta.

Uma pesquisa sobre o medo e a insegurança de andar na rua da Fundação Getúlio Vargas (FGV) “Percepções da Crise”, revelou que o Brasil foi o segundo país com maior medo de violência em 2017, com 59% dos brasileiros expressando insegurança. Além disso, a pesquisa destacou um ponto muito importante: as mulheres. Elas compõem cerca de 76% do quadro do receio de andar sozinho à noite, enquanto os homens são só 60%. E se formos olhar para os índices de violência também teremos dados reveladores. No artigo “A dupla vulnerabilidade da mulher negra: uma análise sobre interseccionalidade e violência”, Larissa Oliveira de Sousa e Thiago Augusto Galeão de Azevedo (2024), demonstram essas questões de vulnerabilidade que permeiam a vida de mulheres negras em sociedade e como essa vulnerabilidade em dobro afeta essas mulheres. Os pesquisadores descrevem que:

A violência contra a mulher representa grave problema social, que possui diversas dimensões e determinações, implicadas nas tramas socioculturais que

⁸ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

as circunscrevem e permeiam as relações hierárquicas de poder e desigualdade entre os gêneros, e, no cenário brasileiro, as mulheres negras são as maiores vítimas dos mais variados tipos de violência, como a violência física, patrimonial, psicológica e sexual. (Sousa; Azevedo, 2024, p. 2).

Como explicitado e colocado pelos autores, o que se percebe nas falas de Mestra Baixinha é justamente esse cruzamento, essa vulnerabilidade dupla que as mulheres negras precisam enfrentar, é a realidade crua, na qual milhares de mulheres brasileiras convivem diariamente. O incerto e violento perseguem as mulheres, seja na rua, em casa ou em qualquer lugar que ela estiver.

E nesse aspecto, sobre combate a violências o coletivo (Zacimba Gaba) a qual a Mestra Baixinha participa promoveu em março de 2022 uma roda de capoeira com o tema: “Combate ao Feminicídio e Violência contra a Mulher”⁹. Uma pauta que reforça seu engajamento contra as violências para a comunidade feminina.

Voltando ao encontro da entrevista para **Merkato**¹⁰, nota-se a resistência do pai à prática da capoeira expressa valores patriarcais que deslegitimam a presença feminina em espaços historicamente masculinos. Ao afirmar que capoeira “é coisa de homem”, evidencia-se a naturalização de estereótipos de gênero que restringem escolhas e oportunidades. O racismo e machismo são elementos fundadores da sociedade, as hierarquizações de humanidade serão reproduzidas em todos os espaços. (Ribeiro, 2018, p. 51). E em outro momento da entrevista, Mestra Baixinha relata:

Também teve as cirurgias... Ao longo dessa minha trajetória passei por três cirurgias... Durante à época da faculdade, outro desafio que eu tive era estar fazendo a faculdade e manter treinando e viajando, a gente não pode ficar dentro de casa, temos que conhecer outros grupos, novas histórias. E também cuidar da minha mãe, que tinha problema de saúde. (Baixinha, 2023¹¹).

Essa fala revela múltiplos desafios relacionados à saúde, aos estudos, à prática da capoeira e ao cuidado familiar. A dedicação a essas diversas atividades ilustra sua resiliência e o esforço para equilibrar demandas que recaem, com frequência, sobre as mulheres. Por fim, Mestra fala:

Desejo mais empatia nos relacionamentos. Vamos juntos combater o racismo! O machismo! E promover a inclusão de todos, sem exceção. Se nós unirmos uns aos outros poderemos chegar ainda mais longe. (Baixinha, 2023. Idem nota 15).

⁹ <https://www.instagram.com/p/CbqF-EEu4tq/?igsh=aTNraWtoNG11>. Acesso em: 21 jun. 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

¹¹ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

A fala de Mestra Baixinha ressalta a importância da empatia e solidariedade para combater o racismo e o machismo, e contribui em vivência exemplificando essa luta. Suas palavras reforçam o que a ativista, filósofa e escritora Sueli Carneiro diz:

[...] a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. (Carneiro, 2020, p.2).

De forma semelhante, a trajetória da Monitora Delicada também revela diversas camadas de resistência enquanto mulher negra. Natural da Bahia, 27 anos, ativista e integrante do coletivo “Mulheres de Bamba”, enfrentou inúmeros desafios durante sua formação em História, na cidade de Ilhéus (BA). Sua atuação, marcada pela difusão da capoeira e pelo resgate histórico da presença feminina nesse campo, pode ser observada em sua produção acadêmica, como o artigo **Celeiro de Bamba: importância das mulheres na construção da cidade de Itabuna (1990-2018)**, no qual destaca a relevância das mulheres na construção da prática da capoeira no sul da Bahia. O artigo propõe destacar a presença das mulheres na cidade de Itabuna e como suas contribuições foram importantes para a perpetuação dessa arte do fazer capoeira. Dissertando sobre a questão feminina, Nunes descreve:

O zelo, o cuidado que sempre esteve imbuído a figura feminina nos remete a relegação das mulheres aos ambientes e tarefas domésticas, a naturalização do pensamento que as mulheres nascem naturalmente aptas a serem melhor organizadas e a organizarem melhor, fazendo com que a dita igualdade entre os sexos que muito é utilizada em alguns discursos atualmente, naquela época ainda não ocorresse na prática, devido ao respeito e obediência que as mulheres sempre precisaram exercer aos homens que as cercaram. (Nunes, 2018, p. 3).

Através da narrativa de Nunes (Monitora Delicada), percebe-se a presença feminina sendo reduzida ao fazer doméstico, relegada aos cuidados do lar e da família. No século XIX, período estudado por Nunes em seu artigo, as mulheres viviam assim, limitadas a papéis tradicionais e excluídas de muitas esferas da sociedade. Ela destaca como a sociedade da época restringia as oportunidades e os espaços para as mulheres, e como o Brasil se tornou moroso em dar mais espaço para as mulheres na capoeira. E como já

mencionado no histórico de inserção das mulheres na capoeira no capítulo anterior, Nunes reforça essa perspectiva da mulher capoeirista de ter ganho mais reconhecimento e espaço muito atrasados se comparado ao dos homens.

O ser mulher ainda é um peso muito grande a se carregar numa sociedade carregada de padrões, tradições e estereótipos que reforçam opressões que muitas vezes são naturalizadas. Ser mulher e praticar capoeira reforça ainda mais todas as dificuldades já encontradas num modelo de sociedade ainda conservadora. É desafiador não ter o corpo da mulher associado a uma hipersexualização, principalmente quando falamos das mulheres negras, ou quando não são objetificados e tidos como propriedades até mesmo em meio ao espaço da capoeira. (Nunes, 2018, p. 2).

As contribuições de Monitora Delicada revelam uma luta contínua contra as formas de violência contra as mulheres, e no coletivo “Mulheres de Bamba”, Delicada reafirma a importância das lutas contra as opressões dentro e fora das rodas de capoeira. O grupo promove aulas práticas e teóricas com foco no combate à violência contra a mulher. Em uma roda de conversa divulgada nas redes sociais do coletivo, Delicada dialoga com a Monitora Gabi Ferreira — historiadora, poeta e compositora baiana — sobre a relação entre capoeira e gênero. Trechos dessa conversa serão utilizados na continuação desta análise¹².

Monitora Delicada ao abordar gênero na roda de conversa, diz o seguinte:

Mas assim, é uma questão que me toca muito sobre essa questão, a visibilidade, né? À medida que a gente encontra dentro da capoeira, quando a gente nos envolve, nos enxergamos enquanto lideranças e quando nós decidimos tocar um projeto, um trabalho. Uma coisa que, para mim, é muito presente essa questão dessa articulação do gênero, da raça, né? Por que que eu digo isso? Porque eu compartilho de espaços, de lugares onde eu vejo várias mulheres que possuem trabalhos com capoeira, com coisas de capoeira, né? (Delicada, 2024).

Quando Monitora Delicada afirma que a questão da visibilidade de gênero e raça é algo que "me toca muito", ela destaca a importância da interseccionalidade em sua experiência como mulher negra na capoeira. Ao compartilhar sua percepção sobre a presença de mulheres negras em espaços de liderança e em projetos de capoeira, ela enfatiza como a articulação entre gênero e raça é fundamental para entender as dinâmicas de poder e representação nesses contextos. Delicada parece estar consciente de que sua

¹² Seminário Interdisciplinar. **Roda de conversa: Gênero e Capoeira**. Reel. Instagram: @seminariointerdisciplinar, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUFoBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 20 maio 2025.

posição como mulher negra em um espaço de liderança lhe dá uma perspectiva única sobre a importância de discutir gênero e raça. Ela sugere que a visibilidade dessas questões é crucial para criar um ambiente mais inclusivo e equitativo na capoeira e além.

Lélia Gonzalez (2020) destaca que a mulher negra no Brasil enfrenta um processo de exclusão patentado, sendo reduzida a dois papéis sociais limitantes: "domésticas" ou "mulatas". Esses papéis refletem uma série de atividades subalternas e uma forma sofisticada de reificação, respectivamente. Gonzalez argumenta que essa reificação se articula com a exploração sexual e a comercialização da cultura negra brasileira, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e para a construção de uma imagem distorcida da realidade racial no país. Além disso, ela critica a apropriação das escolas de samba pela indústria turística, que gera lucro e reforça a imagem internacional de uma "democracia racial brasileira" que não corresponde à realidade.

A exclusão da mulher negra de lugares de liderança demonstra o quanto a representatividade de mulheres como Monitora Delicada e Mestre Baixinha se torna necessário e importante em nossa atual sociedade. A fala de Monitora Delicada pode ser vista como um chamado à ação para que mais mulheres negras sejam reconhecidas e valorizadas em espaços de liderança e criatividade, e para que as discussões sobre gênero e raça sejam aprofundadas e ampliadas. Outros trechos da conversa revelam o quão relevante se tornam as experiências de mulheres negras no cotidiano:

E inclusive está bem presente assim no meu TCC, porque eu trabalho com 2 mulheres, né? Eu trabalho com a Liliane, que é uma mulher negra, periférica, que começa a dar aula de capoeira num bairro extremamente violento de Itabuna, né? E a mestra Vanessa, que é uma mulher branca, fisioterapeuta, né? Que é uma pessoa que me ensinou muito, inclusive foi a primeira mulher a me graduar dentro da capoeira, mas que me fala assim “Mari, a gente fez é muito grande. Entre eu, por exemplo, ser fisioterapeuta, mestre capoeira, e a Liliane ser uma mulher negra que só depende da capoeira hoje não, porque ela dá aula de Muay thai”, ela inclusive tem uma turma feminina maravilhosa. Mas eu sei, tipo assim, o quanto isto é difícil, né? E quando eu começo a dar aula de capoeira, eu percebo que boa parte dos nãoos que eu recebo, né? Vai além de eu ser mulher. Sabe? eu percebo que boa parte da forma como as pessoas me tratam vai além de eu ser mulher. (Delicada, 2024¹³).

Esse trecho já se faz revelador quando Monitora deixa explícito as vivências das mulheres utilizadas em sua pesquisa de conclusão de curso, que analisadas à luz da

¹³ Seminário Interdisciplinar. **Roda de conversa: Gênero e Capoeira**. Reel. Instagram: @seminario interdisciplinar, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUFoBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 20 maio 2025.

interseccionalidade de Patricia Hill Collins (2021), que destaca como as identidades sociais se cruzam e se *intersectam*, criando experiências únicas de opressão e privilégio. Monitora percebe que os obstáculos que enfrenta como mulher negra vão além de ser mulher, sugerindo que a interseccionalidade de gênero e raça está em jogo. A comparação entre a trajetória de Liliane, uma mulher negra periférica, e Vanessa, uma mulher branca fisioterapeuta, ilustra como os privilégios e opressões se cruzam. Com Vanessa tendo uma trajetória mais estável e respeitada, enquanto Liliane enfrenta o entrecruzamento de desafios. Isso ilustra a operação das matrizes de dominação, com a interseccionalidade de gênero, raça e classe social criando experiências de opressão e marginalização.

Além disso, ao falar sobre os “nãos” que recebe não só por ser mulher, mas sim por sua cor, Monitora Delicada demonstra a realidade da mulher negra no cotidiano brasileiro. Grada Kilomba (2019), retrata episódios de racismo cotidiano. Um racismo que está impregnado nos gestos, olhares, atitudes, situações a exemplos de perseguição policial nas ruas, em lojas, estabelecimentos diversos, na escola...etc. Monitora Delicada se ver muitas vezes rejeitada segundo a fala acima, por sua cor, o que Grada Kilomba discorre: “Ser mulher e negra é experienciar uma dupla opressão: uma pela cor da pele, outra pelo gênero. Ambas se entrelaçam em formas complexas de exclusão”. (Kilomba, 2019, p. 34).

Monitora Delicada acrescenta:

E você percebe isso, inclusive na cara de nojo que algumas pessoas fazem. E quando você fala que você é professora e você tem um trabalho que você trabalha com violência, que você trabalha com mulheres, né? Acham inclusive que o nosso trabalho é oba oba, que a gente não tem responsabilidade, que a gente não tem condições de desenvolver um trabalho sério, né? E por muitos anos, né, eu me relacionei somente com mulheres, então assim me via na capoeira com a minha ex companheira e automaticamente também me discriminava por isso. (Delicada, 2024¹⁴).

Monitora aqui nos revela uma experiência de interseccionalidade de gênero, raça e orientação sexual, que é marcada por preconceitos e discriminação. Essa percepção é refletida na reação das pessoas que fazem "cara de nojo" ao saber que a Monitora é uma professora negra e trabalha com violência contra mulheres. Djamila Ribeiro (2019, p. 80) detalha como essa desumanização se manifesta: a mulher negra é estereotipada como "objeto sexual e inadequada para a vida familiar", o que a desqualifica socialmente, e

¹⁴ Seminário Interdisciplinar. **Roda de conversa: Gênero e Capoeira**. Reel. Instagram: @seminario interdisciplinar, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUFoBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 20 maio 2025.

Monitora não só confirma a desumanização e a objetificação abordadas por Ribeiro, mas também demonstra como essas construções sociais afetam a percepção de sua competência e legitimidade em um contexto profissional e social, reforçando as barreiras e preconceitos que as mulheres negras enfrentam diariamente.

É, parece que a gente tem que lutar 2, 3, 4 vezes mais para ter uma coisa mínima chamada respeito. Sabem? quando você vai num evento e por exemplo, você não é apresentada, sabe? e quando você está num espaço na roda de conversa, as pessoas já não se importam se você desenvolve um trabalho ou não. (Delicada, 2024).

Através dos dizeres, Monitora Delicada, evidencia esse esforço que a mulher negra precisa fazer para ter o mínimo de respeito e reconhecimento em nossa sociedade. Contemplando Kilomba (2019), a realidade experimentada do racismo que Monitora descreve em sua trajetória, se ver explicitado neste outro trecho quando diz:

Sexualizam nossos corpos, independente de estarmos com nossa companhia ou não, né? Ou nos colocam ali só para dizer que a gente está naquele espaço, mas em momento nenhum permitem que a gente consiga de fato mostrar, né, o nosso verdadeiro potencial. Eu digo isso porque eu já presenciei desde pessoas que me abraçam, me apoiam e me botam lá em cima e me ajudam a pessoas que fazem tipo como a Lis estava falando, né? Tipo, domina a situação, sabe? Que quer dominar mesmo que você manda de certa forma, tem que dominar a situação ou tenta te humilhar, tente passar para trás. Isso é uma coisa que adocece muito as mulheres, sabe? Adocece. (Delicada, 2024¹⁵).

Delicada expõe uma experiência que pode ser frequente na vida de muitas mulheres negras: de serem constantemente colocadas em posições que apenas simbolizam uma inclusão, todavia esses “apoios”, “ajudas”, “abraços”, como dito por ela, não acontecem de fato. A exclusão se faz presente, estando apenas mascarada de inclusão. Portanto, para as mulheres negras não são dadas oportunidades reais de demonstrar seu potencial. As tentativas de humilhação e desrespeito, de acordo com Monitora Delicada, chegam a adoecer. Sua fala continua com as seguintes palavras:

Então assim, parece que a gente tem que chegar até onde mais toca na nossa ferida, se colocar realmente nesse local mesmo de dor, de sofrimento, de humilhada, de vítima, para alguém chegar e falar assim: 'Nossa, então vamos parar de falar dela ou sabe do trabalho dela?' Isso é ruim, né? É tipo aquela

¹⁵ Seminário Interdisciplinar. **Roda de conversa: Gênero e Capoeira**. Reel. Instagram: @seminario interdisciplinar, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUFoBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 20 maio 2025.

discussão sobre a escravidão, né? Parece que a gente só fala a partir das dores e é das nossas dores, e a gente não lembra que a gente tem" (Delicada, 2024¹⁶).

O racismo produz um impacto doloroso na vida de mulheres negras. O adoecimento dessas mulheres muitas vezes é menosprezado, suas dores são negligenciadas e suas aflições perpetuam-se no campo do silêncio. A fala delas é negada, falar de si, sendo uma mulher negra parece fazê-las assumir um lugar de culpa, de dor.

Um conceito para pensar sobre isso é a *Dororidade* de Vilma Piedade (2017), que destaca a importância da sororidade como um pilar fundamental do feminismo, promovendo apoio, união e irmandade entre as mulheres.

No entanto, ela questiona se o conceito de sororidade abrange adequadamente as experiências de jovens mulheres pretas. Piedade propõe o conceito de "dororidade", que reconhece a dor e o silenciamento causados pelo racismo, especialmente nas vivências de mulheres pretas. Ela sugere que a dororidade complementa a sororidade, destacando a interseção entre gênero e raça nas lutas feministas. Vilma Piedade reverbera:

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados... (Piedade, 2017, p. 18).

O feminismo que fundamenta a sororidade pode falhar em contemplar as experiências de corpos não brancos. Ao não abordar as especificidades das vivências de mulheres negras, esse feminismo não apenas diminui a potência de suas vidas, mas também contribui para a perpetuação do racismo e do sexismo, que se manifestam através de seus corpos. Essa perspectiva acaba por desvalorizar a existência e as possibilidades de vida, evidenciando que a sororidade, em sua concepção tradicional, não abarca plenamente a negritude que marca o corpo da mulher negra. É a cor que primeiramente define e atormenta o corpo enegrecido, submetendo-o à morte, dor e aniquilação, pois, de forma contínua, pessoas negras, especialmente mulheres negras, nunca estão verdadeiramente protegidas. (Moraes; Ribeiro; Ávila, 2022).

Outro ponto importante da segunda fala citada acima, é o uso da palavra *dominação* que Monitora Delicada utiliza, e que podemos vislumbrar com esse termo, é que ele

¹⁶ Seminário Interdisciplinar. **Roda de conversa: Gênero e Capoeira**. Reel. Instagram: @seminario interdisciplinar, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUFOBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 20 maio 2025.

possui um considerável peso para a reflexão. "Domínio" pode nos remeter a muitos caminhos, um destes é o do significado engendrado no poder, que pode ser ligado ao dito *colonialismo* e suas opressões em uma posição que constantemente as mulheres negras não estão e não o fazem. Essa questão de *domínio*, termo retomado por escritoras como Conceição Evaristo, em um trecho de sua obra sobre *Escrevivências* nos revela:

A palavra domínio, para mim, é uma experiência que não coaduna com a minha subjetividade, não venho de uma experiência de domínio de nada. Há uma escolha semântica para verbalizar as suas experiências subjetivas. Nunca experimentei nenhum campo de domínio. Sempre experimento o campo da busca, o desejo de apreensão, mas nunca qualquer apreensão me deixou à vontade para viver a experiência do domínio. (Evaristo, 2020, p. 37).

Quando Evaristo analisa tal termo demonstra como este não ressoa com sua subjetividade, que sua experiência é marcada pela busca e pelo desejo de apreensão, mas não pelo domínio. Isso sugere que a ideia de domínio pode estar ligada a estruturas de poder e opressão que não são próximas dela. Nesse sentido, quando Monitora Delicada verbaliza sobre as pessoas quererem dominar, impondo-se sobre ela, humilhando-a, percebe-se as opressões que a mulher negra pode sofrer no percurso de seu cotidiano.

Segundo Akotirene (2019), as dinâmicas de opressão são complexas e multifacetadas, envolvendo tanto a experiência de ser oprimido quanto a possibilidade de agir como opressor em certos contextos. Embora reconheça que o racismo é uma estrutura de poder que beneficia os brancos e prejudica os negros, impossibilitando que negros exerçam racismo contra brancos da mesma forma que os brancos exercem contra os negros, a autora destaca que indivíduos negros podem exercer discriminação quando detêm algum poder institucional. No entanto, mesmo nesses casos, a estrutura de poder racial mais ampla permanece dominada pela branquitude, que continua a ser a força dirigente na sociedade.

A Monitora de capoeira sofre com o entrecruzamento de preconceitos por se relacionar com outra mulher, que é um fator importante destacado em sua fala, o que é refletido na discriminação que ela sente ao se relacionar com mulheres em espaços públicos, como o espaço da capoeira. Carneiro (2003, p. 122), aponta que, além das violências doméstica e sexual que afetam todas as mulheres, existe uma forma específica de violência contra a mulher negra que compromete sua imagem, limita suas relações afetivas, restringe sua sexualidade devido a estigmas antigos, impede o acesso ao trabalho, diminui suas aspirações e afeta sua autoestima.

Essa objetificação se agrava quando se considera a orientação sexual, Patricia Hill Collins (2000) argumenta que as mulheres negras são objeto de uma "matriz de dominação" que as oprime em múltiplos níveis, incluindo gênero, raça e classe social. A Monitora experimenta essa opressão em sua vida profissional e pessoal, sendo vista como alguém que não tem capacidade para desenvolver um trabalho sério. Quando a capoeirista Delicada diz:

Nós somos descendentes de reis, rainhas, né? E nós somos descendentes, sim, de pessoas que a gente tem que se orgulhar e que a escravidão no Brasil, ela foi só uma parte da nossa história, né? Mas que a gente tem muita história que a gente precisa resgatar diariamente, né, e que só aparecem em datas como a Consciência Negra ou talvez o 8 de março, né, ou talvez no dia 25 de julho. (Delicada, 2024¹⁷).

As palavras de Delicada evocam a questão do orgulho, do resgate da ancestralidade, de como existe para além da história escravocrata uma história rica e digna de orgulho. O período da escravidão atua como parte da história, mas não é a totalidade. A história oficial muitas vezes tende a focar exaustivamente na escravidão, invisibilizando as culturas, os saberes, as resistências e as conquistas dos povos africanos e afro-brasileiros ao longo dos séculos. Ela defende que a história negra é muito mais vasta e precisa ser resgatada diariamente. Essa invisibilidade e apropriação seletiva da história negra demonstra a superficialidade que a sociedade aborda questões de raça e gênero.

Se tratando de narrativas e construções da verdade, cita-se a filósofa Marilena Chaui (1981), quando ela explica que a ideologia opera justamente ao apresentar uma versão da realidade como a única possível, "naturalizando" relações de poder e exclusão. A fala de Delicada, ao criticar o confinamento da história negra a datas específicas, ilustra essa ideia: a história da escravidão é superenfaticada enquanto as narrativas de reis, rainhas e de uma história de orgulho são silenciadas ou relegadas a um segundo plano, mantendo uma visão limitada e dolorosa da identidade negra. Chimamanda Ngozi Adichie é a mais célebre expositora do conceito de "o perigo da história única", perigo esse que assola a comunidade preta e que se faz presente em seu cotidiano.

Quando Delicada expõe sobre a história da escravidão e sofrimento ganhar mais os holofotes, Adichie pode nos ajudar a compreender como as narrativas dominantes podem

¹⁷ Seminário Interdisciplinar. **Roda de conversa: Gênero e Capoeira**. Reel. Instagram: @seminario interdisciplinar, 23 maio de 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUFoBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 20 maio 2025.

moldar percepções, perpetuar e consolidar preconceitos. No panorama contemporâneo Vilma Piedade (2017), tece um capítulo sobre a questão de a *faxina* possuir cor. Esse aspecto é fundamental de lembrar em nossa sociedade, pois evidencia como o racismo se manifesta em perguntas e expectativas cotidianas, especialmente direcionadas a mulheres negras. A autora exemplifica essa realidade ao narrar a situação de poder ser questionada a qualquer momento:

É assim que entendo o Racismo. Dororidade. E a qualquer momento alguém também pode me perguntar “... E aí, você faz Faxina?”, e vou ter que responder: “Não, eu faço Filosofia”. (Piedade, 2017, p. 45).

Os estereótipos racistas e classistas podem ser observados através dessa citação. Pois o questionamento não busca conhecer a pessoa, mas sim encaixá-la num lugar pré-determinado pelo racismo. Quando Vilma Piedade, Monitora Delicada e Mestra Baixinha se mostram como mulheres negras professoras, líderes, elas estão reivindicando seus lugares de intelectuais, quebrando as correntes simbólicas que prendiam a mulher preta aos trabalhos domésticos e serviços braçais. Nesse sentido, a mulher preta pode ocupar qualquer campo do saber e de atuação profissional.

No poema *Eu-mulher* de Conceição Evaristo é abordado de modo profundo a questão feminina. Versos que carregam densas reflexões e multifacetadas sobre o feminino, como pode ser observado abaixo:

Uma gota de leite me escorre entre os seios.
 Uma mancha de sangue me enfeita entre as pernas.
 Meia palavra mordida me foge da boca.
 Vagos desejos insinuam esperanças.
 Eu-mulher em rios vermelhos inauguro a vida.
 Em baixa voz violento os tímpanos do mundo.
 Antevejo. Antecipo. Antes-vivo
 Antes – agora – o que há de vir.
 Eu fêmea-matriz.
 Eu força-motriz.
 Eu-mulher abrigo da semente moto-contínuo do mundo.
 (Evaristo, 2017, p. 45).

O poema de Conceição Evaristo revela uma compreensão diversificada sobre a feminilidade. A escritora mergulha em aspectos biológicos, sociais, históricos e existenciais, pensando nas múltiplas facetas e nos "eus" que compõem a mulher. O que foi abordado desde o início do capítulo com a introdução do afrofeminismo e a discussão sobre o ser mulher negra, torna-se ainda mais evidente, e é crucial retomar o pensamento ao trazer o poema de Evaristo. Nele, surge o eu-mulher materno, o eu-mulher ancestral,

um eu-mulher poderoso, o eu-mulher que é origem da vida, e o eu-mulher com voz – mesmo que limitada e silenciada, ele persiste e não se cala. É dessa eu-mulher que Conceição Evaristo fala e escreve; a eu-mulher que as capoeiristas, como Delicada e Baixinha, representam; o eu-mulher da roda que ginga, busca espaço e liberdade; essa eu-mulher que inaugura a vida e transforma.

3.2 SER EDUCADORA: ENSINAR É APRENDER DUAS VEZES

A educação como prática da liberdade (hooks, 2013)

Na trajetória de Mestre Baixinha, nota-se também suas vivências pautadas principalmente na educação, ela é uma figura emblemática da capoeira no Espírito Santo, cuja trajetória ilustra resistência, luta e a força transformadora das mulheres em espaços tradicionalmente masculinos. Nascida e criada em um contexto de desafios sociais e culturais, ela encontrou na capoeira um caminho para a expressão de sua identidade e para a luta pela igualdade de gênero. Foi reconhecida não apenas por suas habilidades na roda, mas também por sua atuação como educadora, Mestre Baixinha tem desempenhado um papel central na disseminação e valorização da capoeira enquanto prática cultural e pedagógica.

A educação é compreendida como um processo contínuo, autores como Freire (1994) e Ramos (2008) reforçam a ideia de que aprender é viver, e que a educação se manifesta tanto em instituições formais quanto em experiências cotidianas. Freire, especialmente, defende uma educação emancipadora, que valoriza os saberes dos educandos e os transforma em sujeitos críticos e autônomos. A emancipação, nesse contexto, é compreendida como uma libertação política e social, como argumenta Koselleck (2012), indo além do direito jurídico para alcançar a autonomia plena dos indivíduos frente às estruturas opressoras, como o capitalismo e o patriarcado.

No caso das mulheres negras, a educação se configura como uma ferramenta crucial de emancipação diante de um histórico de opressão marcado pela escravidão, racismo e sexismo. Autoras como Conceição Evaristo (2017), Djamila Ribeiro (2018) e Patricia Hill Collins (2021), evidenciam como o acesso ao conhecimento rompe barreiras sociais, permitindo ascensão e visibilidade. As experiências dessas mulheres mostram que, apesar da marginalização histórica, elas resistem e constroem saberes potentes, mesmo em meio

à invisibilidade. A educação, nesse sentido, torna-se um ato político e transformador e o movimento de mulheres negras reafirma a importância da educação como direito e como caminho para a justiça social, ocupando espaços de poder e conhecimento que historicamente lhes foram negados.

Através de aulas e projetos, Mestre Baixinha inspira jovens, mulheres e homens, utilizando a capoeira como ferramenta para o empoderamento e a transformação social. Sua abordagem vai além dos movimentos físicos, incorporando elementos de história, ancestralidade e valores éticos fundamentais para a formação cidadã.

No jornal **A Gazeta** presente no dossiê do mapa cultural¹⁸, lançado para circulação no ano de 2012 em Cariacica (ES), Mestre Baixinha foi destacada à frente de um projeto de desenvolvimento que integra dança, teatro, música e capoeira. Ao longo do ano, o projeto organiza diversos eventos e festivais em que os estudantes participam ativamente. Sob a perspectiva educacional, Mestre Baixinha promove uma educação integral, que vai além do ensino tradicional ao trabalhar com linguagens expressivas fundamentais para o desenvolvimento físico, emocional, social e cognitivo dos alunos.

Essa abordagem contribui para uma formação mais completa e humana. Ao incluir a capoeira e outras formas de arte popular, ela valoriza saberes tradicionais e fortalece a identidade cultural dos jovens, especialmente em comunidades marginalizadas. Além disso, os eventos e festivais proporcionam aos estudantes a oportunidade de serem protagonistas de suas próprias aprendizagens, desenvolvendo competências como trabalho em equipe, responsabilidade e expressão individual.

O projeto também tem um papel importante na promoção da cidadania e da inclusão social, criando um espaço educativo que respeita e acolhe diferentes origens e formas de saber, e ensinar valores de respeito, solidariedade e diversidade. Dessa forma, a atuação de Mestre Baixinha destaca a educação como uma ferramenta de transformação social, oferecendo alternativas para crianças e jovens em contextos vulneráveis, e contribuindo para a formação de sujeitos críticos e engajados com sua realidade. O fato de estar à frente de um projeto com tanto impacto na comunidade e de ser destacada em um veículo de grande circulação como **A Gazeta** também reforça a relevância de iniciativas que promovem a participação ativa na vida social e cultural da comunidade.

Mestra Baixinha sobre o projeto:

E até hoje esse projeto existe de forma gratuita. Através do Capoeira Transformando Vidas já têm alunos que são instrutores, professores,

¹⁸ Disponível em: <https://mapa.cultura.es.gov.br/agente/13352/#info>. Acesso em: 21 jun. 2025.

monitores de capoeira, então já tem aí um trabalho espalhado por toda a Grande Vitória. Também posso dizer que foi esse projeto que me levou a conhecer outros países, outros estados para ministrar aulas. Esse projeto me deu filhos do coração. Vários jovens e adultos me chamam de mãe. Nosso vínculo vai para além de um jogo de capoeira, um vínculo familiar. (Baixinha, 2023¹⁹).

Mestra Baixinha, tem 28 anos de dedicação à capoeira. Iniciou sua trajetória em 1995 e, em agosto de 2022, se tornou Mestra. Com 42 anos, ela se destaca em competições e eventos internacionais, incluindo títulos de Bicampeã Brasileira de Capoeira e participação em workshops no Brasil e no exterior, como na Suíça, Alemanha, México e Suécia.²⁰ Ela é conhecida pela sua atuação pedagógica, influenciando capoeiristas ao redor do mundo e sendo reconhecida por seu trabalho transformador na capoeira, como fica exposto na matéria do jornal online. No Espírito Santo, Mestra Baixinha se destacou ao participar de diversas reportagens em jornais locais, como a reportagem feita para TV em abril de 2023, que foi publicada no canal “TV Espírito Santo”, e disponibilizada na plataforma youtube, com o seguinte título: “Mestra Baixinha promove transformação através de aulas de capoeira”²¹, onde a Mestra fala sobre sua experiência de ensinar capoeira em Cariacica, incentivando jovens, crianças e adultos a praticarem capoeira. Em sua Entrevista ela demonstra também todo seu empenho e carinho pela profissão de educadora.

A capoeira me proporcionou uma formação pessoal, social e acadêmica. Eu acredito que essas minhas graduações me proporcionaram um olhar pedagógico mais aguçado, mais reflexivo, buscando diferentes metodologias de ensino. Me mostrou o quão importante é a avaliação nesse processo de ensino aprendizagem, então eu percebo que esse olhar fez com que meu trabalho chegasse onde ele está hoje. Esse olhar pedagógico. (Baixinha, 2023²²).

A entrevistada destaca como suas formações em Educação Física e Pedagogia foram fundamentais para ampliar seu olhar pedagógico, tornando-o mais reflexivo e crítico. Essas graduações contribuíram para que ela buscasse constantemente metodologias de ensino diferenciadas e se tornasse mais atenta ao processo de ensino-

¹⁹ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁰ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²¹ TV Espírito Santo. Entrevista com Mestra Baixinha. **YouTube**. Disponível em: <https://youtu.be/XmclgF8EMmA?si=zYAc7IFqn-Sn9vBm>.

²² Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

aprendizagem, promovendo uma prática mais eficaz e consciente. No âmbito pessoal, essa formação lhe possibilitou integrar saberes do corpo e da mente, fundamentais para sua atuação como educadora e capoeirista.

No campo social, sua prática pedagógica dialoga diretamente com os princípios de Paulo Freire, que propõe uma educação crítica, dialógica e transformadora, baseada na autonomia do educador e do educando (Freire, 1996). A entrevistada parece incorporar esses princípios em sua vivência como professora de capoeira, utilizando o conhecimento acadêmico como instrumento de empoderamento e valorização das culturas populares e periféricas. Dessa forma, sua atuação transcende a mera transmissão de conteúdo, tornando-se uma ferramenta de resistência e transformação social.

Para Silvani Alves dos Anjos e Daniela Franco Carvalho (2024), o olhar sobre o professor é levado em consideração, falando desse olhar subjetivo livre, em que se percebe a empatia, o carinho e zelo. Aqui o cuidado de si é para ser compreendido como um modo de vida, que de acordo com as autoras do artigo, só quem é emancipado é capaz de olhar para si, o que viabiliza a autocrítica, o amor-próprio, assumindo o que é e o que pode se tornar. Um instrumento assim de construção e reconstrução de si.

Vale aqui uma observação sobre a questão da autoestima, percebidos através das falas das professoras Baixinha e da Monitora Delicada (2024), quando ela relata que seu trabalho como professora, focado em violência e questões femininas, não é levado a sério, isso revela uma camada profunda de preconceito e descredibilização. Mesmo em ambientes educacionais, que deveriam ser pilares de equidade, as mulheres negras ainda encontram barreiras significativas que minam sua autoridade e competência. A educação, embora seja uma chave fundamental para o acesso e a ascensão social, nem sempre garante o respeito e o reconhecimento devidos, evidenciando que a ascensão em si não dissolve as estruturas de discriminação. Essa reflexão traz à tona as dificuldades enfrentadas pela Monitora Delicada. A luz disso, Rosário explana:

O autocuidado, muitas vezes, exaltado como caminho para o bem-estar, raramente é viável para aqueles que enfrentam pressões econômicas, opressões sistêmicas ou dificuldades de saúde mental. Transferir a responsabilidade pela felicidade e pelo equilíbrio emocional exclusivamente para a autoestima, como um produto de esforço pessoal e auto-aceitação, num mundo que lhe é hostil, não apenas limita a compreensão das complexas realidades vividas por esses indivíduos, mas também incorre em uma lógica de culpabilização. Esse discurso ignora o esses indivíduos, mas também incorre em uma lógica de culpabilização. (Rosário, 2024, p. 12).

Fica em destaque a partir da citação acima que não é tão simples esse *autocuidado*, e *autoestima* para a mulher negra. O que ecoa são essas problemáticas da questão do autocuidado e opressão sistêmica, especialmente ao evidenciar a desvalorização do trabalho com populações vulneráveis. Essa desqualificação é ainda mais acentuada pela lente da interseccionalidade de Collins (2019). Se a Monitora Delicada, por exemplo, é uma mulher negra, a percepção de "falta de seriedade" em seu trabalho pode ser um reflexo direto do racismo e machismo que historicamente desvalorizam o conhecimento e a agência de mulheres e pessoas negras. A lógica de culpabilização se manifesta aqui ao deslegitimar quem enfrenta as consequências das opressões, desviando a atenção das falhas estruturais e perpetuando a ideia de que a violência ou a falta de bem-estar são problemas individuais, e não sistêmicos.

A interseccionalidade nos mostra que o acesso à educação de qualidade, a construção de uma autoestima saudável e a possibilidade de praticar o autocuidado não são privilégios universalmente distribuídos. Para grupos marginalizados, esses pilares do bem-estar são constantemente erodidos por sistemas de opressão. Assim, essa tríade é um espelho das desigualdades sociais, onde a capacidade de florescer nessas áreas é um indicativo profundo da justiça social.

Voltando para a entrevista de Mestra Baixinha, na qual o entrevistador pergunta: 'Você é professora de capoeira, não só em projetos sociais, mas também em escolas da rede pública e privada'. A Lei Alcebíades Cabral, nº 11.397/2021, que reconhece a capoeira nos estabelecimentos de educação básica, públicos e privados, qual é a sua análise?

A Lei reconhece esse caráter educativo e formativo, que a capoeira proporciona aos seus praticantes. Vale salientar que esta ampliará as práticas culturais das comunidades afro-brasileira no currículo escolar e que também está previsto na Lei 10.639. Contudo, é necessário que haja um estreitamento de relações entre as instituições de ensino e a comunidade capoeirística para que juntos possamos planejar ações efetivas.

Mestra continua sua resposta com:

A capoeira, como ferramenta pedagógica, ela é indiscutível, porém é necessário sistematizar os conhecimentos, envolver os profissionais da área, promover a funcionalidade da legislação. Também é necessário a discussão de quem será a responsabilidade de ministrar as aulas, os conhecimentos de capoeira dos participantes, uma vez que, muitos não possuem graduação superior, pois o fazer cultural é passado através da oralidade e dos conhecimentos dos antepassados. Então assim, isso precisa ser levado em consideração para que a Lei não venha ser instrumento de exclusão daqueles

que, justamente, batalharam para que hoje ela pudesse ser aprovada. (Baixinha, 2023²³).

A Mestra ressalta a importância de um estreitamento de relações entre instituições de ensino e a comunidade capoeirística para planejar ações efetivas. Além disso, ela destaca a necessidade de sistematizar os conhecimentos da capoeira, envolver os profissionais da área e promover a funcionalidade da legislação. Um ponto relevante é a discussão sobre quem será responsável por ministrar as aulas e como serão considerados os conhecimentos dos capoeiristas que não possuem formação acadêmica de ensino superior, já que a capoeira é uma prática cultural transmitida pela oralidade e pelos antepassados.

Essa preocupação é fundamental para garantir que a Lei não se torne um instrumento de exclusão dos mestres e capoeiristas que contribuíram para a aprovação da legislação. A implementação da Lei 11.397/2021 requer uma abordagem cuidadosa e inclusiva, que valorize a diversidade de conhecimentos e experiências na capoeira.

A capoeira é uma prática cultural importante que visa fomentar o ensino da história e cultura afro-brasileira, conforme estabelecido pelas Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008.²⁴ Além disso, a capoeira promove a formação integral dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento pessoal, social e cultural. Exemplificando, ações de implementação da capoeira, a Câmara Municipal de Belo Horizonte sancionou a Lei 11.750/2024, que cria o Programa Capoeira nas Escolas, com o objetivo de fortalecer o ensino da capoeira nas escolas públicas municipais. O programa atenderá estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, oferecendo oficinas, rodas de capoeira, apresentações artísticas e ações formativas com mestres e mestras.²⁵

A implementação do programa poderá contar com parcerias entre o município e coletivos, grupos e associações de capoeira, pontos de cultura e agentes culturais. A lei visa garantir a continuidade das atividades de capoeira nas escolas e evitar a fragmentação dos processos formativos.

²³ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁴ Cartilha étnico racial. Disponível em: <https://siae.seduc.se.gov.br/siae.servicefile/api/File/Downloads/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

²⁵ Lei fortalece disseminação nas escolas de conhecimentos sobre capoeira. Disponível em: <https://cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2024/10/lei-fortalece-dissemina%C3%A7%C3%A3o-nas-escolas-de-conhecimentos-sobre-capoeira?utm>. Acesso em: 15 jul. 2025.

A capoeira é uma manifestação artística que representa a resistência dos povos africanos escravizados no Brasil e promove valores como respeito, autoestima e integração social. Além disso, desenvolve habilidades físicas, musicais e corporais nos estudantes. Com a inclusão da capoeira nas escolas, busca-se valorizar a cultura afro-brasileira e reconhecer a capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. A Mestre e capoeirista parece estar ciente dos desafios e oportunidades que essa legislação traz, e sua análise reflete a importância de uma implementação cuidadosa e respeitosa com a comunidade capoeirística. Abaixo a citação evidencia isso ao falar que:

O campo da capoeira, quando comparado com estruturação da Educação, escolas e comunidades a respeito dessa prática, que é um Patrimônio Cultural da Humanidade, não costumam se efetivar na prática. Muitos profissionais que trabalham em ambientes formais de ensino ainda desconhecem que o processo histórico, político e sociocultural brasileiro está imbricado nessa prática corporal que vem se perpetuando ao longo dos tempos, nos mais diversos lugares do mundo. Compete, dessa forma, um estudo das relações entre a Capoeira como mundo. Uma ferramenta pedagógica na Formação de profissionais que atuarão na Educação Básica e na formação do Capoeirista, que ensina em seu lócus de origem, ou seja, nas academias, comunidades ou em qualquer outro local de ensino-aprendizagem. (Silva; Vasconcelos, 2024, 19).

Apesar de ser um Patrimônio Cultural da Humanidade, a capoeira é frequentemente subvalorizada e pouco explorada em escolas e comunidades. Muitos educadores desconhecem seu profundo vínculo com a história e a cultura brasileira. Por isso, é crucial estudar a capoeira como ferramenta pedagógica, tanto para professores da Educação Básica quanto para mestres que a ensinam em seus espaços tradicionais.

No artigo *Educação Física e Diversidade Cultural: Reflexões para práticas inclusivas*²⁶, os autores argumentam sobre a Educação Física ter um papel essencial no desenvolvimento físico, emocional e social dos estudantes. No entanto, para que atinja esse objetivo de forma efetiva, é necessário que os professores levem em consideração a diversidade cultural presente no ambiente escolar. Isso porque as escolas são compostas por alunos de diferentes origens étnicas, culturais e socioeconômicas. Assim, os profissionais da área devem adotar práticas pedagógicas que respeitem e incluam essa diversidade no contexto das aulas de Educação Física (Schuller et al., 2023).

²⁶ Educação Física e Diversidade Cultural: Reflexões para práticas inclusivas. Disponível em: <https://revistaft.com.br/educacao-fisica-e-diversidade-cultural-reflexoes-para-praticas-inclusivas%C2%B9>. Acesso em: 15 jul. 2025.

Por fim, a articulação entre capoeira, educação Física e Pedagogia favoreceu a construção de uma abordagem educativa mais holística, que considera simultaneamente as dimensões físicas, sociais e culturais do processo de aprendizagem. Essa integração possibilita a criação de um ambiente de ensino mais significativo, no qual a corporeidade, o diálogo e o pertencimento ganham centralidade. Frente de projetos *Transformando vidas e lapidando diamantes*, a “Mestra Baixinha promove transformação através das aulas de capoeira”.

Eu fazia um trabalho tanto com as crianças que ficam aqui pela manhã, quanto com as crianças que ficam à tarde, e é isso. Quando eles completavam 14 anos, eles eram desligados do projeto. E aí foi quando eu pensei: ‘Poxa, é o momento em que eles mais precisam de realizar uma atividade’. E aí foi quando eu comecei com o trabalho com a comunidade à noite, resgatando esses jovens que até então saíam do projeto. E aí, além desses jovens, eu abri pra comunidade. (Baixinha, 2023²⁷).

Ainda, para Baixinha, a capoeira é muito mais que um esporte, e Baixinha complementa: “Amizade, respeito, saúde física, saúde mental.” (Baixinha, 2023). Alunos mais novos e experientes, todos podem participar. Assim, sua prática pedagógica reafirma a potência da capoeira como instrumento educativo plural e inclusivo. bell hooks defende a educação como prática de liberdade, um ato político capaz de transformar vidas e romper com sistemas de opressão.

Para hooks (2013), ensinar é um ato de resistência e subversão, principalmente quando se propõe a valorizar vozes historicamente marginalizadas, como as de mulheres negras. Ela critica a educação bancária, hierárquica e autoritária, propondo uma pedagogia engajada, dialógica e afetiva, onde educadores e educandos constroem juntos o conhecimento. Essa abordagem permite que sujeitos oprimidos — especialmente mulheres negras — reconheçam sua experiência como fonte legítima de saber e possam se empoderar a partir dela.

No contexto brasileiro, a proposta de bell hooks é profundamente relevante. As mulheres negras enfrentam múltiplas opressões que as excluem dos espaços de poder e de produção de conhecimento. Quando têm acesso a uma educação crítica, que reconhece suas histórias e subjetividades, elas conseguem romper com os estigmas do racismo e do sexismo estruturais. A educação, nesse sentido, torna-se instrumento de emancipação, permitindo que essas mulheres resgatem sua autoestima, ocupem espaços acadêmicos e

²⁷ Jornal Merkato. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

políticos, e se tornem referência para outras. Assim, inspiradas por uma pedagogia que transgride, as mulheres negras brasileiras constroem caminhos de resistência e transformação social.

E é notável o quão importante tem sido sua luta como mulher capoeirista e seu empenho em quebrar barreiras ao falar sobre a educação e a capoeira, para a comunidade em Cariacica e para tantos outros alunos pelo Brasil. Essas matérias destacam-se na competência técnica, salientando a liderança e voz como representante de Mestre Baixinha, que utiliza esses espaços na mídia para mostrar a capoeira, mas não somente isso, mas principalmente como o fazer capoeira tem esse caráter transformador na sociedade, matérias essas encontradas em seu dossiê disponibilizado pela prefeitura do Espírito Santo no portal da cultura.

3.3 A CAPOEIRA FAZ COM QUE A MULHER APRENDA A CONQUISTAR SEU ESPAÇO. SEJA NA RODA DE CAPOEIRA, SEJA NA VIDA.

Como é bom ver mulher na capoeira
 E como é bom ver mulher dando rasteira!
 Coletivo: Mulher na Capoeira tem axé
 Álbum: Ela é mulher capoeira
 Música: Como é bom ver mulher na capoeira
 Ano: 2024

A mulher capoeirista, vive e reflete diariamente os desafios e as conquistas de se manter firme em um ambiente onde, por muito tempo, a figura masculina predominou. Uso aqui principalmente as contribuições da Capixaba e Mestre de capoeira, Maria Alessandra dos Santos - a Mestre Baixinha, que já possui mais de vinte anos de prática na capoeira.

Sua luta é pela valorização de todas as mulheres que, como ela, encontram na capoeira um meio de resistir e se empoderar. Integrante do coletivo Zacimba Gaba, que possui contas oficiais em redes sociais como facebook e instagram, contando com mais de 1.000 seguidores, o coletivo de capoeiristas do Espírito Santo, segue gingando, promovendo eventos e atividades, como a realizada no início do ano de 2024 com a temática “ Na luta, no jogo, pela Visibilidade e Equidade”, a 5 roda do coletivo organizou em praia de Camburi no Espírito Santo, convidando a comunidade a participar através do instagram oficial do coletivo feminino. Assim, a prática da Mestre capoeira reflete uma profunda conexão com a ancestralidade africana e com os princípios de solidariedade e coletividade que fundamentam a capoeira.

Pensar em capoeira feminina é pensar em coletivo, união e solidariedade. E para mulheres negras, isso se torna ainda mais importante quando essas mulheres precisam romper com estruturas de silenciamento e invisibilidade que as afetam de forma singular. Através das trajetórias de Mestra Baixinha e Monitora Delicada percebe-se a atuação e engajamento nesses coletivos colaborando para uma rede de apoio e visibilidade para as mulheres no geral.

A questão da violência na capoeira contra mulheres é um tema complexo e urgente, que tem sido cada vez mais debatido e denunciado por coletivos femininos. O documentário "Mulheres da Pá Virada: Um Coletivo de Capoeira" (Marias Felipas, 2019), idealizado pelo Grupo de Estudos e Intervenção Marias Felipas, é um exemplo notável dessa visibilidade, ao apresentar histórias e trajetórias de mulheres capoeiristas que enfrentam e resistem às diversas formas de opressão no universo da capoeira. A violência na capoeira contra mulheres é algo que precisa ser debatido e combatido ativamente. Como afirma Delicada:

Quando eu cheguei aqui, eu não vi isso acontecer com ninguém, que eu até parei para pensar assim, tipo, todo mundo que ouviu, eu tentava maldar. Depois eu percebi que não, que existem, sim, espaços onde a capoeira ela está presente, que talvez você não vai encontrar a violência, sabe? Mas eu também encontrei meninas aqui que já passaram por processo de violência e, aos poucos, a gente vai aprendendo de que forma a gente pode passar uma nova forma de ensinar capoeira. E fazem, inclusive, com que esses corpos, palestrantes de capoeira, reconheçam a violência, mas se posicionem diante dela, sabe? Eu sei que, às vezes, é, dá medo, às vezes é doloroso. A gente tem medo de falar, de saber o que o professor, contramestre, a pessoa que nos dá aula, né, vai achar, vai dizer. Mas é isso, eu acho que se eu estou no espaço, se eu estou em um grupo de capoeira onde eu presencio uma violência, se eu tô numa roda de capoeira onde eu presencio uma violência, eu questiono, e a pessoa que está ali me ensinando, ela mandou eu me calar. (Delicada, 2024²⁸).

Na fala de Delicada, é possível perceber o quanto a violência pode se fazer presente na roda de capoeira, manifestando-se em gestos, olhares, atos físicos ou verbais contra as mulheres que praticam a modalidade. Ela comenta sobre a importância de perceber essas violências e se posicionar contra elas, mesmo que tentem silenciá-la. De acordo com Bruna Setenta Góes Almeida e Aline Maron Setenta (2019):

A presença em menor número de mulheres em rodas de capoeira, o lugar que ocupam nos grupos, as tradições, ritualísticas e cantigas refletem o machismo

²⁸ Seminário Interdisciplinar. **Roda de conversa: Gênero e Capoeira**. Reel. Instagram: @seminariointerdisciplinar, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUFoBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 20 maio 2025.

de várias formas. As mulheres que possuem destaque na capoeira são frequentemente associadas às figuras masculinas e tem sua orientação sexual questionada. Geralmente não ocupam lugar de destaque, poucas tocam instrumentos, por se sentirem intimidadas, ou até mesmo por terem a sua habilidade questionada, quando se fala na condução da roda através da cantiga então, se esta mulher tem um tom de voz mais agudo, logo é pedido o canto por outro capoeirista do sexo masculino. (Almeida; Setenta, 2019, p. 10).

Almeida e Setenta, salientam sobre a participação feminina na capoeira, reforçando as palavras de Monitora Delicada sobre como as mulheres podem se sentir excluídas, subestimadas e violentadas em espaços capoeirísticos. Nesse cenário, o papel dos coletivos femininos na capoeira, como o Zacimba Gaba, Mulheres de Bamba, e o “Mulheres da Pá Virada”, torna-se fundamental. Eles são espaços de acolhimento, troca de experiências e fortalecimento mútuo, onde as mulheres encontram suporte para denunciar, resistir e construir novas práticas. Através da união e da solidariedade, esses coletivos empoderam as mulheres, o que a escritora Joice Berth vai falar:

Ora, se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elemento em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes. (Berth, 2019, p. 36).

Joice Berth, deixa evidente esse coletivo formado por indivíduos com algo em comum. Pessoas empoderadas fortalecem o coletivo e, por sua vez, um coletivo empoderado ajuda seus membros a recuperarem uma forte consciência de seu "eu social", ou seja, de seu lugar e suas implicações na sociedade. De acordo com Maria Elizabeth de Barros (2023, p. 336), no capítulo intitulado: "Carta a todas as mulheres do mundo", propõe a busca por formas de compartilhar coletivamente as questões da vida feminina atual, destacando a importância de um "Kairós" – um tempo oportuno. A autora enfatiza a necessidade de investir na criação e fortalecimento de "políticas de amizade" que sejam sustentadas por um plano coletivo abrangente, capaz de influenciar o Estado, governos, movimentos sociais e o cotidiano.

Quando Zacimba Gaba de Mestre Baixinha e Mulheres de Bamba de Monitora Delicada entram em ação mostram exatamente isso, que esses grupos de capoeira permitem que elas não apenas reconheçam as violências sofridas, mas também desenvolvam estratégias para se posicionarem ativamente contra elas, subvertendo a

lógica do silenciamento e contribuindo para a construção de uma capoeira mais justa e inclusiva. Barros reforça tal ideia quando expressa:

Pensar um coletivo de mulheres como afirmação de direitos não apenas civis, mas, principalmente, subjetivos, para “qualquer uma”. Um plano comum que diga respeito à experiência concreta dos coletivos, construído a partir das experiências de cada mulher, de todas elas. A proposta é a construção de uma experiência compartilhada em tempos nos quais a experiência se encontra em crise. (Barros, 2023, p. 337).

Para Thais Souza do Rosário, diante dos desafios da contemporaneidade, a coletividade é fundamental para que as pessoas negras possam reconstituir sua identidade e humanidade. Para a autora, os coletivos afrocentrados, grupos de apoio mútuo e movimentos culturais são exemplos importantes de espaços capazes de promover a resistência, a educação e o fortalecimento comunitário (2024, p. 21).

Quando Mestra Baixinha afirma que "a capoeira me deu tudo", ela se refere à sua formação pessoal e profissional. Em uma entrevista ao jornal Merkato, ela detalha os pilares dessa jornada:

O que me formou mestra foi a disciplina, a resiliência, persistência, humildade, responsabilidade, coragem, treinamentos, trabalho. Ter se tornado referência para outras pessoas. Ser reconhecida pela comunidade, pois mesmo antes de ser formada a mestra já havia esse reconhecimento. (Baixinha, 2023).

Esse depoimento sublinha que o reconhecimento como Mestra vai além de um título formal; é resultado de um longo processo de dedicação, superação e impacto positivo na vida de muitos. O projeto de Mestra Baixinha demonstra, assim, como a capoeira pode ser um poderoso agente de mudança social, formando não apenas capoeiristas, mas cidadãos engajados e resilientes. E é neste espaço que ela e Monitora Delicada estão inseridas, um espaço que pode transformar vidas.

O legado de Mestra Baixinha transcende a roda de capoeira, alcançando a educação, a comunidade e a mídia, onde ela se tornou uma referência não apenas para outras mulheres, mas para toda a sociedade capoeirista. Sua trajetória é um testemunho do poder transformador da capoeira e da importância de reconhecer as mulheres como protagonistas na preservação e evolução dessa prática cultural.

Nas trajetórias de Mestra Baixinha e Monitora Delicada, essa visão se reflete na ocupação e ressignificação de espaços historicamente masculinos, como a capoeira, demonstrando que a luta feminina é plural e se adapta às especificidades culturais e sociais de cada contexto.

Mariane Oliveira Nunes (Monitora Delicada) argumenta que, embora a capoeira seja historicamente marcada pela presença masculina, as mulheres têm desempenhado papéis cruciais na sua consolidação como prática cultural, educativa e de resistência. Aponta esse protagonismo feminino na capoeira, na qual as mulheres atuam como mestras, professoras, alunas, promovendo a capoeira como prática educativa e cultural, levando em consideração o contexto histórico social da região de Itabuna, mostrando as transformações ocorridas no lugar que permitiam maior visibilidade e voz às mulheres. O modo como Monitora Delicada tece seu texto mostra como o corpo é central na hora de descrever as mulheres na capoeira, e ela que vive do fazer, disse:

É interessante observar que o corpo em meio a capoeira possui uma dinâmica muito particular, por vez impossível ser captada através de imagens que de alguma forma o registra. E temos um conjunto de elementos que contribuem para compor toda uma gestualidade. Também é importante perceber o quanto esses corpos guardam memórias, que não se apagam tão fácil, que não se destroem tão rápido. Aqui, essas memórias vêm de corpos de mulheres, da vida das mesmas e da luta diária em que elas encontram na capoeira algo fundamental e essencial em suas vidas. Mulheres que residem na cidade de Itabuna, no Estado da Bahia, e que hoje se tornam, de alguma maneira, referência na cidade e em vários lugares do país, quem sabe do mundo. (Nunes, 2018, p.2).

Destaca a complexidade da experiência corporal na capoeira, especialmente no que diz respeito à gestualidade e às memórias corporais. O texto sublinha que o corpo, em movimento durante a prática da capoeira, carrega uma dinâmica única, difícil de ser captada ou traduzida completamente por imagens, sugerindo que a vivência da capoeira vai além daquilo que se vê. Historicamente, o corpo da mulher foi e ainda é alvo de práticas disciplinares e normalizadores, muitas vezes vinculado a um destino biológico, como a maternidade, e a uma imagem de fragilidade ou submissão. A frase "Meu corpo, minhas regras!"²⁹, presente em diversas manifestações feministas, sintetiza a luta pela autonomia e pelo autodomínio do corpo, rompendo com a ideia de que este pertence a outros ou deve seguir padrões pré-estabelecidos. Ivalda Portela disserta que:

A ideia de normativa fragilidade não transita apenas na Capoeira, mas na maior parte das esferas sociais. Criou-se uma hierarquia em que o sujeito feminino foi por muito tempo inferior ao masculino. Com o excesso de preconceito nos séculos XVII e XVIII, as mulheres que se identificavam e queriam praticar capoeira passaram por uma série de desafios para estar nas

²⁹ Lorena Ferreira Cronemberger. *Meu corpo, Minhas regras! Michel Foucault, corpo da mulher e feminismo*. **Praca: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v. 3, n. 1 (2019), publicado em 17 abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/243350>>. Acesso em: 27 jun. 2025.

rodas. Com isso, elas demonstravam seu amor pela capoeira e sua participação de outro jeito. De acordo com algumas pesquisas as rodas aconteciam em frente a quitandas, muitas dessas pertenciam às mulheres. Eram justamente elas que, quando os capoeiristas eram surpreendidos pela polícia, os protegiam da perseguição. (Portela, 2021, p.3).

Como observado e explicado pela autora acima, historicamente, a ideia de que a mulher é “frágil” não afetou só a capoeira, mas a sociedade em geral, colocando-as numa posição inferior. No passado, especialmente entre os séculos XVIII e XX, mulheres que queriam praticar capoeira enfrentavam muita discriminação. Mesmo assim, elas mostram sua paixão de outras formas, como abrigando capoeiristas em suas quitandas para protegê-los da polícia. Nunes (2018) também enfatiza que esses corpos, principalmente os das mulheres que praticam capoeira, carregam memórias profundas de resistência e luta, memórias que não se apagam facilmente, mas que se reforçam com o tempo e a experiência.

As mulheres da cidade de Itabuna, na Bahia, são apontadas como exemplos dessas práticas, que não só marcam suas vidas, mas também fazem com que elas se tornem referências em sua comunidade, e potencialmente em várias outras regiões do país e do mundo. Essa análise sublinha a importância da capoeira como um espaço de empoderamento feminino, onde as mulheres encontram força e identidade, reforçando o caráter cultural e transformador dessa prática.

Eram então essas mulheres que viviam nesse cenário da capoeira, em cidades da Bahia, mas em sua maioria ainda na cidade de Salvador. Essas mulheres ocupavam inclusive o espaço público, tido como pertencente aos sujeitos do sexo masculino, espaço este que sempre serviu para reforçar a naturalização e supremacia do “poder do macho” vi, onde podemos realizar uma análise das relações sociais e de poder exercidos em meio a sociedade, nas quais temos essa dita sociedade estruturada por relações de dominação, que garante a legitimação do processo de subordinação da mulher. O que vemos então é a existência de mulheres que lutam para estarem num local no qual elas se enxergam, mas que carrega não só a reprodução de preconceitos construídos socialmente e naturalizado com o passar do tempo, mas a inserção das mesmas em um elemento ainda marginalizado pela sociedade e que por muitos anos precisou lutar contra a repressão. (Nunes, 2018, p. 4).

Salienta sobre as mulheres que estavam em cidades na Bahia lutando e resistindo e espaços tradicionalmente masculinos, e que essas mulheres lutavam por reconhecimento e espaço, como as integrantes do grupo de mestre Bimba: Maria 12 homens, Calça Rala, Nega Didi, Maria para o bonde e Satanás. Mulheres essas que enfrentaram desafios adicionais por estarem incluídas em uma atividade marginalizada, a capoeira, que historicamente sofreu repressão.

Grada Kilomba (2019) utiliza da metáfora da “plantação” para descrever o espaço simbólico que o corpo negro, principalmente o corpo feminino é amiudadamente e sistematicamente violentado e subjugado, tecendo então uma abordagem a partir da perspectiva de quem é constantemente marginalizado e silenciado pelas estruturas coloniais e racistas.

Portanto, a historiadora e capoeirista Delicada se coloca no foco dessa luta pelos direitos das mulheres, nascida em Itabuna, ela faz voz, pedindo pelo fim das desigualdades de gênero que existem dentro da capoeira, como sugere a entrevista gerada na roda de conversa sobre gênero e raça divulgada nas redes sociais do coletivo *Mulheres de Bamba*, Delicada promove uma escrita e falas sobre a luta pela emancipação da mulher e libertação, falando sobre lutar pelo fim das desigualdades na capoeira dando continuidade à luta histórica de emancipação das mulheres e da classe trabalhadora, inserindo-as ativamente em um espaço tradicionalmente masculino e marcado pela resistência cultural e ancestralidade.

Angela Davis (2016), destaca como o gênero e a raça estruturam o sistema prisional e o controle punitivo. A mulher negra é submetida a condições de exploração e opressão específicas, incluindo trabalho reprodutivo não remunerado e violência institucional. Nesse sistema capitalista, a colonialidade do poder perpetua a dominação e exploração das mulheres negras, inferiorizando-as e limitando suas oportunidades. A resenhista pesquisadora Ferreira expõe que:

Davis demonstra, pela reconstrução de acontecimentos históricos, como o racismo contribui para a construção do sexismo e de exploração de classe; como o sexismo contribui para a perpetuação do racismo e da exploração de classe; e, finalmente, como a exploração de classe é mantida pelo racismo e pelo sexismo. (Ferreira, 2020, p.3).

De acordo com Ferreira, Angela Davis apresenta uma perspectiva que coloca as mulheres negras no centro da análise sobre racismo, sexismo e exploração de classe, desafiando a marginalidade a que são relegadas nessas discussões. Ao fazer isso, ela propõe uma redefinição das relações raciais, sociais e econômicas a partir da experiência das mulheres negras estadunidenses, destacando o potencial transformador do saber marginalizado. Em outras palavras, Davis busca ressignificar a narrativa dominante, dando voz e centralidade às experiências e saberes das mulheres negras, com o objetivo de promover mudanças profundas nas estruturas sociais e econômicas. Carla Akotirene expressa que: “O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as

encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo”. (Akotirene, 2019, p. 16).

Apesar dos desafios, como a marginalização de mulheres capoeiristas na historiografia e a resistência masculina e patriarcal, o final do século XX trouxe avanços significativos, com mais mulheres assumindo posições de destaque, como professoras, contramestres e mestres. Essa luta ultrapassa o âmbito da capoeira, refletindo na sociedade a busca por igualdade de gênero e o reconhecimento da capacidade intelectual e organizacional das mulheres, cuja contribuição é essencial para a perpetuação e o fortalecimento dessa prática cultural. Nunes (Monitora Delicada), enfatiza que:

Assim, a mulher tem ocupado um espaço fundamental para que tenhamos a possibilidade de compreender que as conquistas na capoeira também podem se refletir como uma parcela de contribuição para a sociedade. A mulher representa a importância da luta por ideais e alternativas que contribuam no crescimento e perpetuação da capoeira no mundo (Nunes, 2022³⁰).

Temos expressado o papel central que as mulheres vêm ocupando na capoeira como agentes de transformação, emancipação e ressignificação de um espaço historicamente dominado por homens. Reconhece que as conquistas femininas dentro da capoeira não se restringem ao plano individual ou simbólico, mas se estendem à sociedade como um todo, promovendo rupturas com estruturas patriarcais e racistas.

Patricia Hill Collins (2021), e afirma que a experiência das mulheres negras deve ser compreendida a partir da interseccionalidade entre raça, gênero e classe, revelando as múltiplas formas de opressão e resistência. Angela Davis (2016), por sua vez, aponta que as mulheres negras sempre estiveram à frente de processos de luta coletiva, especialmente em espaços culturais e políticos, como a capoeira, que se tornam arenas de afirmação de identidade e de educação crítica e libertadora.

Nesse sentido, capoeiristas como Mestre Janja, Mestre Baixinha, Monitora Delicada, entre tantas outras Mestras desse país, que protagonizam processos de ressignificação da capoeira como prática educativa, cultural e política. Seus corpos, vozes e trajetórias traduzem a luta por emancipação não apenas dentro da roda, mas também nos territórios em que atuam, promovendo educação popular, consciência de ancestralidade e enfrentamento das opressões estruturais. A partir de uma perspectiva afrofeminista, essas

³⁰ NUNES, Mariane Oliveira. *Lutar pelo fim das desigualdades dentro da capoeira é dar continuidade à luta pela emancipação*. Assembleia Popular, [s. l.], 16 nov. 2024. Disponível em: <https://www.assembleiapopular.com.br/post/lutar-pelo-fim-das-desigualdades-dentro-da-capoeira-dar-continuidade-luta-pela-emancipa-da>. Acesso em: 16 nov. 2024.

mulheres constroem alternativas para a manutenção e o fortalecimento da capoeira enquanto instrumento de resistência, pertencimento e transformação social. Assim, ao ocupar esse espaço, elas não apenas perpetuam a tradição, mas também reinventam a capoeira como território de saberes negros, de cuidado coletivo e de luta por justiça.

Ivalda Kimberly Portela (2021) aponta que, historicamente, a participação feminina na capoeira era limitada a funções secundárias, como bater palmas na roda, por exemplo. No entanto, a autora observa uma mudança significativa na contemporaneidade, com as mulheres assumindo um papel de liderança, organizando eventos e desenvolvendo estudos na área, o que demonstra sua crescente reafirmação dentro da prática da capoeira.

Milani (2010) aponta que a relevância da mulher na capoeira transcende a mera graça e beleza que elas conferem à manifestação. Para o autor, o respeito e a valorização da mulher na roda de capoeira são cruciais para garantir que esse ambiente se torne cada vez mais democrático. Nesse sentido, a diversidade e a convivência harmoniosa entre diferentes praticantes servem como um exemplo de tolerância e convívio social para as sociedades contemporâneas, que frequentemente enfrentam preconceitos e discriminações. Milani (2010) conclui que essa capacidade de promover a tolerância e o convívio é um dos ensinamentos mais significativos que a capoeira oferece.

Diante disso Ivalda Portela (2021) aborda a persistente e resistente inserção da mulher na prática da capoeira, mesmo diante de um ambiente que, apesar do aumento de praticantes femininas, ainda é considerado machista e marcado por diversas formas de agressões e violências. Contudo, a autora ressalta que, em comparação com o contexto histórico, há uma gradual afirmação do modo de jogo e do espaço feminino, especialmente na vertente da capoeira de Angola.

Por fim, faço uso das palavras de Bruna Setenta Góes Almeida e Aline Maron Setenta (2019, p. 11) que defendem a necessidade premente de que as meninas na capoeira tenham a oportunidade de interagir com Mestras e Contramestras, para que se sintam inspiradas a alcançar posições de liderança no futuro. Elas ressaltam que a capoeira deve ser um local de resistência não apenas para a população negra, mas em especial para as mulheres, particularmente as mulheres negras, que enfrentam maior opressão, devendo assim conquistar seu espaço tanto na sociedade quanto dentro da própria capoeira.

Mestra Baixinha e Monitora Delicada exemplificam quando se analisa o afrofeminismo, as experiências de mulheres negras que buscam reafirmar seus espaços ao difundir a capoeira e a educação a todos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após contextualizar o panorama histórico da capoeira, ficou claro que ela transcende o mero espaço de luta ou prática esportiva, sendo, sobretudo, uma manifestação cultural intrinsecamente ligada à sobrevivência e resistência do povo negro no Brasil. Essa base histórica é crucial para compreender como a capoeira, hoje, continua a ser um ambiente de afirmação, especialmente para as mulheres negras. Ao abordar a presença feminina negra na capoeira, tornou-se essencial contemplar suas experiências sob a ótica do afrofeminismo.

O estudo demonstrou as vivências de duas mulheres negras capoeiristas que usam da capoeira como um espaço de aprimoramento pessoal, profissional, mas sobretudo de resistência. A capoeira é um universo de pluralidade, e essa diversidade é claramente exemplificada por iniciativas como "Capoeira Transformando Vidas", "Mulheres de Bamba" e "Zacimba Gaba". Elas demonstram a capacidade da capoeira de ir além da roda, impactando e transformando a vida de muitas pessoas, especialmente mulheres.

A capoeira nesse sentido tornou-se o principal meio pela qual lutam pela liberdade, educação e emancipação, seja com projetos ou aulas abertas, oficinas, eventos, congressos, rodas de conversa, Mestre Baixinha e Monitora Delicada demonstram como esse fazer capoeira se torna rico em diversidade e empoderamento para a comunidade e principalmente para as mulheres, e ao estarem a frente como líderes e professoras engajadas incorporam o empoderamento feminino negro.

A análise de suas trajetórias permitiu descrever a concepção afrofeminista em ação. Suas vivências na capoeira ilustram de maneira potente como o afrofeminismo se materializa na busca por espaço, reconhecimento e na difusão da arte-luta. Tal corrente busca enfrentar o machismo, o racismo e o classismo na sociedade, ou seja, sendo um movimento autônomo, com sua própria história, teorias e pautas, na qual a pesquisa se ampara.

Mestra Baixinha, cujo nome é Maria Alessandra dos Santos, é uma figura notável na capoeira, com uma jornada que se estende por mais de 28 anos. Essa longevidade na prática reflete uma dedicação e um comprometimento profundos com a luta-arte. O ápice de sua trajetória, até o momento, foi a conquista do título de Mestre em 2022, mas ela não para a capoeira não para.

A obtenção do título de Mestre na capoeira não é apenas um reconhecimento formal; ela simboliza anos de aprendizado, ensino, superação de desafios e contribuição

significativa para a comunidade da capoeira. Para Mestre Baixinha, essa conquista foi resultado de uma batalha contínua, indicando que seu caminho foi marcado por persistência, resiliência e a necessidade de romper barreiras – seja pela sua dedicação técnica, pela sua liderança ou pela superação de preconceitos, especialmente considerando a sua identidade como mulher negra em um espaço historicamente dominado por homens. Seu título, portanto, não é apenas pessoal, mas também representa uma vitória e inspiração para muitas outras mulheres e capoeiristas.

Monitora Delicada, na capoeira, demonstra uma determinação notável. Sua atuação vai além da prática individual; ela se destaca por mobilizar ativamente pessoas para a capoeira e, mais especificamente, por inspirar mulheres a conquistarem seus espaços e a lutarem contra as diversas formas de violência. Essa postura ativa, mesmo no começo de sua jornada, evidencia um forte comprometimento com os valores de resistência e empoderamento que a capoeira pode proporcionar.

As trajetórias inspiradoras da Mestre Baixinha e da Monitora Delicada serviram como exemplares concretos da materialização dos objetivos propostos por este estudo. São mulheres que, por meio de suas vivências, transformam-se em potencializadoras de mudanças, mulheres negras brasileiras em constante luta pelos direitos das mulheres na capoeira.

Suas experiências são provas vivas de como a capoeira contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica, a construção da autoestima, empoderamento e o fortalecimento de redes de apoio. Elas, assim como outras capoeiristas negras, utilizam a capoeira como ferramenta para educar, empoderar e lutar contra as múltiplas formas de opressão, reafirmando que a educação, neste contexto, é um processo decolonial e um caminho para a transformação social. Isso ecoa as ideias de hooks (2013) sobre a desconstrução de hierarquias opressoras e a valorização das contribuições de grupos marginalizados.

Com base nas análises e discussões apresentadas, os objetivos da pesquisa foram satisfatoriamente alcançados. A investigação respondeu à pergunta central sobre quais as representações de mulheres negras, enquanto lugar de resistência e empoderamento, na capoeira a partir das trajetórias da Mestre Baixinha e da Monitora Delicada. Percebeu-se, ao longo da escrita e da busca, o quanto essas capoeiristas são provas vivas do protagonismo feminino negro. São mulheres negras que ensinam, em qualquer espaço, seja dentro de uma sala de aula, seja na comunidade, seja na roda, seja na vida.

Temos sempre muito o que aprender com elas e este estudo reitera a urgência de reconhecer e valorizar o protagonismo das mulheres negras na capoeira, não apenas como praticantes, mas como líderes e educadoras que, com sua arte e resistência, pavimentam o caminho para um futuro mais equitativo e justo. Suas trajetórias ecoam do Brasil para o mundo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Frederico José de. **Capoeiras: Bahia, séc. XIX: imaginário e documentação**. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005.
- ADORNO, Camile. **Arte Da Capoeira**. Goiânia - GO: Independently published, 2017.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. (Feminismos Plurais).
- ALVES, L. L., & Marinho, G. S. (2012). **Relação familiar e afetividade para o desenvolvimento da aprendizagem**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- ALMEIDA, Bruna Setenta Góes; SETENTA, Aline Maron. Mulher na capoeira: cultura e educação em direitos humanos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CULTURA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA (X VENECULT), 10., 2019, Salvador. **Anais eletrônicos....** Salvador: UFBA, 2019. p. [PÁGINAS INICIAIS-FINAIS DO ARTIGO SE DISPONÍVEL NO PDF]. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111489.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- ANJOS, Silvani Alves dos; CARVALHO, Daniela Franco. O CUIDADO DE SI PARA UMA DOCÊNCIA AMOROSA. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 23, n. 37, p. e24019, jul. 2024. ISSN 1984-7505. Disponível em: <https://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/3753>>. Acesso em: 15 jun. 2025. doi: <https://doi.org/10.59666/Arere.1984-7505.v23.n37.3753>.
- ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre a Capoeira Angola da 'escola pastiniana'** como práxis educativa. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12052015-143733/pt-br.php>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- ARAÚJO, Rosangela Costa. Elas gingam! In: SIMÕES, Antonio Liberac Cardoso; FIGUEIREDO, Franciane Simplício; MAGALHÃES, Paulo Andrade; MACHADO, Sara Abreu da Mata. (Org.). **Capoeira em múltiplos olhares: estudos e pesquisas em jogo**. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2020, p. 457-471.
- BAIXINHA, Mestra. Entrevista concedida ao jornal online Merkato. Cariacica, 2023. Disponível em: <https://www.merkato.com.br/entrevista-mestra-baixinha>. Acesso em: 10 abril. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BANHAL, Alberto; NUNES, Nei Antonio; PAZETTO, Alexandre Zawak. Educação e emancipação: um olhar sobre as mulheres negras. **Revista Científica Multidisciplinar RECIMA21**, v. 3, n. 2, p. e321201, fev. 2022. DOI: [10.47820/recima21.v3i2.1201](<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i2.1201>).
- BARBOSA, Maria José Somerlate. **A mulher na capoeira**. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, v. 9, 2005.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/neab/files/2021/01/Empoderamento-Feminismos-Plurais-Joice-Berth.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2025.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAPOEIRA HISTORY. **Capoeira e Gênero: O empoderamento feminino.** Disponível em: <https://capoeirahistory.com/pt-br/capoeira-e-genero-o-empoderamento-feminino/>. Acesso em: 5 de abr.2025.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A política de uma epistemologia da diferença.** São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2020.

CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Lei fortalece disseminação nas escolas de conhecimentos sobre capoeira.** [Belo Horizonte]: CMBH, 29 out. 2024. Disponível em: <https://cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2024/10/lei-fortalece-dissemina%C3%A7%C3%A3o-nas-escolas-de-conhecimentos-sobre-capoeira>. Acesso em: 23 maio 2025.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade.** Tradução de Luiz Henrique Macedo. São Paulo: Editora Polên, 2021.

COLLINS, P. H. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment.* 2. ed. Nova York: Routledge, 2000.

CRONEMBERGER, Lorena Ferreira. **Meu corpo, minhas regras! Michel Foucault, corpo do feminismo.** *Praça: Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFP* mulher E, Recife, v. 3, n. 1, 2019. Publicado em: 17 abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/view/243350>. Acesso em: 27 jun. 2025.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELICADA, Monitora. *Gênero e Capoeira* [reel]. Instagram, 11 nov. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DDiRUfoBr2j/?igsh=MWtwMjk5MDJkMzBoYg>. Acesso em: 5 maio 2025.

DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves. **Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** Rio de Janeiro: Editora Malê, 2023.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; LOPES, Goya. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** [S. l.]: Itáú Social, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

EVARISTO, Conceição. **Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra.** [Entrevista cedida a] Juliana Domingos de Lima. *Nexo Jornal*, [S. l.], 26 de maio de 2017.

EVARISTO, Conceição. *Eu-mulher.* In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 45.

EVARISTO, Conceição. *A escrevivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira.* Entrevistador: Daiana Santos e Géssica Amorim. **Catarinas**, Florianópolis, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://catarinas.info/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ARTMED, 2009.
- FRANÇA, Ábia Lima de. A tematização da capoeira e das relações de gênero nas dissertações e teses. **Revista Eletrônica Interdisciplinar Barra do Garças**, 15(2), 2023. Disponível em: <https://revista.univar.edu.br/rei/article/view/350>.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 35. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GELEDÉS. **Tem mulher na roda: gênero e capoeira**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tem-mulher-na-roda-genero-e-capoeira>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- JORNAL MERKATO. A pedagoga da capoeira. **Jornal Merkato**, 20 nov. 2024. Disponível em: <https://jornalmerkato.com.br/news/a-pedagoga-da-capoeira/>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. **Histórias de conceitos: Estudos sobre semântica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Editorial Trotta. 2012.
- LAND, Ruth. **The city of women**. New York: The McMillan Company, 1947.
- MACHADO, Sara Abreu da Mata. ARAÚJO, Rosângela Costa. Capoeira, Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 99 –112, jul./dez. 2015.
- MAPA da Cultura. **Agentes Culturais: Mestra Baixinha**. Disponível em: <https://mapa.cultura.es.gov.br/agente/5116/>. Acesso em: 10 set. 2024.
- MARIAS FELIPAS. **Mulheres da Pá Virada: Um Coletivo de Capoeira**. Direção: Grupo Marias Felipas. 2019. (Documentário).
- MILANI, Luciano. **A Mulher na Capoeira**. 26 jan. 2010. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/cronicas-da-capoeiragem/a-mulher-na-capoeira/>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- MORAES, C. de F., Ribeiro, C. J., & Avila, C. S. (2022). **Mulher preta: a dor que transcende o corpo-anátomo**. *Revista em Favor da Igualdade Racial*, 5(02), 03–14. <https://doi.org/10.29327/269579.5.2-2>
- NUNES, Mariane OLiveira. Lutar pelo fim das desigualdades dentro da capoeira é dar continuidade à luta pela emancipação. **Assembleia Popular**. Disponível em: <https://www.assembleiapopular.com.br/post/lutar-pelo-fim-das-desigualdades-dentro-da-capoeira-dar-continuidade-luta-pela-emancipa-da>. Acesso em: 16 nov. 2024.

NUNES, Mariane Oliveira. A importância das mulheres na construção da cidade de Itabuna (1990-2018). **Anais do IX Encontro Regional da ANPUH**. Bahia, 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1532391529_ARQUIVO_NUNES_Mariane.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007a.

PERROT, Michelle. **Mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP : EDUSC, 2005.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PORTELA, I. K. **Esse quilombo é nosso**: memória ancestral no corpo de mulheres negras capoeiristas. *Diálogos e Diversidade*, Jacobina-BA, v. 1, n. e12888, p. 01-09, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rdd/article/view/12888>. Acesso em: 15 jun. 2025.

Professoras Negras: identidade e memória. edur [Internet]. 29º de maio de 2023 [citado 15º de junho de 2025];9(18-19). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/45073>

QUEIROZ, Fernanda Castro de. Apontamentos sobre as mulheres na capoeira: performance, corpo e emoção. **Conexões**, Campinas: SP, v. 21, e023032, 2023. ISSN: 1983-9030.

RAMOS, R. A educação e o conhecimento: uma abordagem complexa. *Educar*, Curitiba, n. 32, 2008. Disponível em: www.scielo.br/pdf/er/n32/n32a07.pdf. Acesso em: 11 jul. 2025.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. Capoeira e Gênero: O Empoderamento Feminino. **Capoeira History**, 2020. Disponível em: <https://capoeirahistory.com/pt-br/capoeira-e-genero-o-empoderamento-feminino/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

REIS, Eliane Glória dos. **As mestras de capoeira**: empoderamento e visibilidade. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico e Aspectos Biopsicossociais do Esporte) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** . São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSÁRIO, Thais Souza do. **Reconstituição da autoestima de mulheres negras**: reposicionando um conceito. 2024. [29] f. [Artigo científico]. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)]. Local [Redenção, CE], 2024. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6857/1/2024_arti_thaisrosario.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa. **Propositura n. 1000560097_1000700245**. Autor: Paulo Fiorilo. São Paulo, 11 set. 2024. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/spl/2024/09/Propositura/1000560097_1000700245_Propositura.pdf. Acesso em: 23 maio 2025.

SILVA, A. R. S. DA. Literatura de Autoria Feminina Negra: (Des)Silenciamentos e Ressignificações. **Fólio** - Revista de Letras, v. 2, n. 1, 2010.

SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, Tancredo Derley Pinto. Ensino da Capoeira na Educação Formal e nas Comunidades. **COMMUNITAS: Revista de Ciências Sociais e Humanas**, Rio Branco, v. 8, n. 20, p. 289-307, 2024. DOI: 10.29327/268346.8.20-19. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/8045>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SILVA, Ana Beatriz Matilde da. **Mulheres na capoeira: resistência dentro e fora da roda**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

SILVA, G. L. da R. e MATA, V Ap. da (Org). Fundamentos Psicológicos e pedagógicos no processo de ensino- aprendizagem na educação infantil e ensino fundamental. Brasília/Curitiba: MEC/UFPR, 2014.

SIQUEIRA, Luziane de Assis Ruela; ANDRADE, Maria Angélica Carvalho; TAVARES, Gilead Marchezi (orgs.). **Cartas femininas: por uma escrita afetiva**. Vitória: EDUFES, 2023.

SOUZA, Walber Gonçalves de. **Capoeira: De Tipo Penal à Prática Socioeducativa no Brasil – Ensaio Teórico**. 2024. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/pratica-socioeducativa>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SOUSA, Larissa Oliveira de; AZEVEDO, Thiago Augusto Galeão de. **A dupla vulnerabilização da mulher negra: uma análise sobre interseccionalidade e violência**. 2024. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistagsd/article/view/10559>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

SCHÜLLER, Mariane da Rosa et al. Educação Física e Diversidade Cultural: reflexões para práticas inclusivas. **Revista FT**, [S. l.], 30 dez. 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/educacao-fisica-e-diversidade-cultural-reflexoes-para-praticas-inclusivas%C2%B9/>. Acesso em: 22 maio 2025.

TVE ESPÍRITO SANTO. Entrevista com Mestre Baixinha. **YouTube**, 20 jun. 2022. Disponível em: <https://youtu.be/XmclgF8EMmA?si=zYAc7IFqn-Sn9vBm>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

VERGÉS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: UBU Editora, 2020.